

Academia de Letras da Grande São Paulo

QUARTA ANTOLOGIA LITERÁRIA



O
MISTÉRIO
DE CADA
UM

PARABÉNS 40 ANOS

Academia de Letras da Grande São Paulo, tem por fim precípua a cultura do vernáculo e da literatura.

Agradecemos “in memoriam” a Rinaldo Gissoni, fundador desta instituição e a Gioconda Labecca nossa ex-presidente.

Somos quarenta membros efetivos e perpétuos, e três sócios correspondentes.

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Chaves
Ana Stoppa
Ana Cristina Silva Abreu
José Bueno Lima
Clóvis Roberto dos Santos
Humberto Domingos Pastore
Sérgio Ballaminut
Gonçalo Junior
José Roberto Espíndola Xavier
Alcidéa Miguel
Eva Bueno Marques
Roberto Carvalho
Celso de Almeida Cini
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Flávio Mello
Ana Luiza Almeida Ferro
Gioconda Labecca
Rinaldo Gissoni

O MISTÉRIO DE CADA UM

QUARTA ANTOLOGIA LITERÁRIA

1ª edição

São Paulo
Academia de Letras da Grande São Paulo
2021

Copyright@2021 – da ALGRASP

Permitida a reprodução de textos originais, mesmo parciais, e por qualquer processo, com autorização da ALGRASP.

Coordenação Geral
Maria Zulema Cebrian

Revisão
Maria Zulema Cebrian
Sérgio Ballaminut

Secretaria e Coordenação
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração
Maria Zulema Cebrian
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Diagramação
Roberta Giotto

Gráfica
Hawaii Gráfica e Editora
Impresso em 5 de novembro de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

IV Antologia literária : o mistério de cada um --
São Caetano do Sul, SP : Academia de Letras
da Grande São Paulo, 2021.

ISBN 978-65-88128-02-2

1. Coletâneas 2. Literatura brasileira.

21-83722

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletâneas : Literatura brasileira B869.8

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Academia de Letras da Grande São Paulo (ALGRASP)
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255 – Santa Paula
CP.: 09521-520 – São Caetano do Sul – SP.
Tel. (55) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrasp@gmail.com

Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil

O MISTÉRIO DE CADA UM

QUARTA ANTOLOGIA LITERÁRIA



APRESENTAÇÃO

A Academia de Letras da Grande São Paulo apresenta sua IV Antologia Literária, com o tema “O Mistério de Cada Um”, superando dificuldades advindas da pandemia que se instaurou no Planeta. O compromisso com a literatura impulsiona-nos a seguir, persistindo na busca do objetivo desta Casa: a escrita literária.

O livro traz um compêndio de textos, relatos e contos repletos de questionamentos, inseguranças, medos e alegrias, oferecendo uma análise que sugerirá reflexão diante da realidade.

Somos artífices da ilusão e procuramos despertar em cada leitor as emoções que alavancam a vida e o sentido das coisas que transformam e alcançam novas dimensões e influenciam a vontade. Não basta espontaneidade ou determinação para realizar: é preciso, antes de tudo, empenho na produção dos textos, que permitam sentir o mundo a partir das perspectivas que nos colocam em contato com a percepção dos fenômenos próprios da existência. Um exercício criativo que permite invadir mentes e empreender a viagem dentro do imaginário coletivo.

Agradeço a cada Acadêmico que, com sua participação, honrou a realização de mais esta obra.

Maria Zulema Cebrian
Presidente



O
MISTÉRIO
DE CADA
UM

QUARTA ANTOLOGIA LITERÁRIA



TEXTOS



Maria Zulema Cebrian, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa, a Cadeira 03, cujo patrono é Guilherme de Almeida. Natural de La Coruña – Espanha. Filha de Rodrigo Cebrian Perez e Mercedes Barreiro Prego de Cebrian. Coursou Pedagogia pelo Instituto de Ensino Superior Senador Fláquer - Santo André. Educação Artística pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Licenciatura Plena em Música e História da Arte. Filosofia e Letras – Diploma superior de Español – Universidade de Salamanca – España. Museologia pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, Serviço de Museus Históricos - São Paulo. Marketing pelo Instituto ABEC – Cook de Marketing Editorial. Poliglota. Inglês pela Cultura Inglesa – Cambridge. Espanhol pela Universidade de Salamanca. Galego como autodidata. Publicou o romance *Vontade de Ir Além*, *Escreva seu Livro*, *Costurando Sonhos* e participou de várias Antologias Literárias. A Prefeitura de São Caetano do Sul conferiu-lhe a Medalha de Honra DiThiene, pelos relevantes serviços prestados à coletividade, que contribuíram destacada e decisivamente para o desenvolvimento do município.

O SILÊNCIO DAS SOMBRAS...

MARIA ZULEMA CEBRIAN

A idade me fez entender certas coisas, por exemplo, como dividi minha vida em três períodos. No primeiro, sequer pensava que um dia envelheceria, que o tempo passaria ou que, nascer dava início à caminhada para o fim. Na juventude, comecei a me dar conta da fragilidade da existência, e o que não passava de um simples desassossego foi crescendo dentro de mim. Um mar de dúvidas e incertezas começou a me acompanhar. A juventude é uma namorada caprichosa que a gente não entende nem valoriza até o dia em que se esvai para nunca mais voltar. Agora, no final da vida, veio imperativa aceitação da realidade e, conseqüentemente, a resignação e espera. O tempo é o mandatário, é ele que sabe, desliza entre os dedos, e os anos apagam o que é próximo e resuscitam o que ficou longe. Um tirano invencível.

Se tivesse sido capaz de compreender essa simples verdade desde o início, uma boa parte das tristezas e sofrimentos quem sabe não tivessem acontecido. No entanto, essa graça me foi concedida tarde demais, um paradoxo do meu universo. Agora, cansada, consumida pelas sombras que povoam minhas lembranças, sigo como alguém que trapaceou no jogo. As recordações enterradas no silêncio são as que nunca deixam de existir e me perseguem de forma implacável.

Gostaria de tê-lo olhado nos olhos, mostrar-lhe que talvez a única pessoa em todo o universo que sabia quem realmente ele era e o que tinha feito era ela. Precisava se armar da determinação que só aparece quando é preciso enfrentar situações absurdas e resolvê-las para acabar de vez com o remorso. Com o tempo, até as lembranças ruins se vestiriam de branco. Não era verdade...!

Livia tomou um gole de vinho, observando o furor do universo.

Naquela noite a forte velocidade do vento balançava as árvores e levava consigo tudo que encontrava. No mar, levantavam-se ondas de sete metros que invadiam o passeio marítimo. Raios iluminavam a escuridão da noite e a ferocidade da luz refletia-se nas poças de água. Através da janela, o espectro da lua erguia-se sobre a cidade. Tudo acontecera de repente, não teve tempo para pensar. As portas batiam-se e vidros se quebravam. Uma intensa ansiedade e um pânico surdo apossou-se dela enquanto a noite caía. Uma mulher solitária, carregando um pesado remorso que lhe corroía a alma desde aquele Natal. Estava sentada na sala de estar, impregnada do aroma que a tempestade traz e o murmúrio de um rádio que soava como o eco de uma longa conversa que nunca tivera. Este fora o caminho que aprendera a percorrer sozinha, pedindo a Deus que a ajudasse a não se perder antes de chegar ao final.

Havia qualquer coisa de infantil na forma como Livia se preparava para o Natal. Começava os preparativos com antecedência para organizar a festa. Adornava a casa para receber a família. Montava o presépio e a árvore perfeitamente com enfeites que juntara durante a vida, o pisca-pisca iluminando o ambiente. Organizava o cardápio, as compras para a celebração do nascimento de Jesus. A mesa para doze pessoas seria posta com requinte e perfeição: uma toalha de renda branca bordada com flores natalinas, talheres e castiçais de prata com as velas acesas, taças de cristal alemão para o jantar.

Naquele dia, um barulho intenso irrompeu pelo imenso salão com paredes brancas e grandes janelas por onde entrava e se instalava uma claridade deslumbrante que se refletia nos enfeites da árvore de Natal. Pelas janelas podia-se contemplar o imenso jardim da casa. Assustada, foi até a varanda para ver o que acontecera.

Um homem, alto, jovem e bonito a esperava fora da casa, cabeleira vasta de cachos que lhe davam um ar dos anjos de Rafael e que valorizavam ainda mais seus olhos negros e sua bela figura.

Soltando um arremedo de sorriso, perguntou: — Em que posso ajudá-lo?

Queria falar com seu marido, chorava e demonstrava um imenso pesar, olhando-a com um ar desamparado. Parecia esgotado. O fato de revelar seus segredos guardados durante anos parecia estar arrancando-lhe a vontade de viver. Sem barulho ou escândalo conduziu-o para a biblioteca da casa e ali... sua vida mudaria para sempre. O destino faz visitas em domicílio, não é preciso correr atrás dele.

Pedro, esse era seu nome. Chorava desesperadamente e a abraçou. Fora amante de seu marido por mais de cinco anos e há meses este não lhe retornava as ligações. Revoltado, decidira acabar com o segredo de sua relação afetiva; a sensação de desapontamento e o sentimento de frustração o levava até ali convencido que conseguiria falar com ele. Livia respirou fundo. Consolou o rapaz e pediu-lhe que fosse embora. Era véspera de Natal e não poderia estragar a festa da família. Avisaria o marido, depois da festa, que seu amigo Pedro precisava falar com ele. Pedro resignado aceitou.

A chuva implacável continuava a açoitar, encharcando a sinistra silhueta daquela noite inesquecível. Naquele momento criaria seu calvário.

Era preciso manter tudo sob controle. O autoengano seria o segredo da impossível tarefa à qual daria início a

partir de então. A situação demandava calma, mas não pasmaceira. Tudo mudaria a partir daquele momento. Pensamentos horríveis passaram a povoar sua mente.

Era preciso organizar seu plano. Não poria fim ao seu casamento, tomaria o comando do matrimônio. Tudo depende de quem tem a chave e para quem abrir a porta e de que lado ficar. A porta estava aberta; o lado, escolhido.

Lembrou-se de um artigo que lera em um jornal onde pesquisadores dinamarqueses haviam encontrado três livros cobertos de veneno, que deixava as capas esverdeadas, a princípio para proteger as obras; depois, surgiram diversas teorias conspiratórias, uma delas parte de um plano assassino. Lembrou-se também de Venâncio, o monge envenenado do romance *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco. E decidiu.

Fez pesquisas e surpreendeu-se ao descobrir que o envenenamento por arsênico era a melhor solução, podendo causar doenças desde irritação estomacal, náuseas, lesões de pele, problemas pulmonares, câncer – dependendo da quantidade e da duração da exposição – e até a morte. Queria a morte...

Pesquisou como usá-lo sem provocar suspeitas. No século XIX, a substância era um dos remédios mais requisitados nas farmácias, vendido em cada esquina. A maioria dos assassinatos da Era Vitoriana foram cometidos com sua ajuda. Era misturado em comidas e bebidas, ou administrado em excesso: uma arma fatal. Pesquisou o assassinato do marido de Florence Maybrick, que em meados de 1889 foi acusada de matar o marido com a droga.

Depois de planejar cada passo deu início ao envenenamento do marido. Em suas refeições colocaria doses pequenas. Quanto tempo levaria? Não sabia, mas a morte chegaria depois de algum tempo. Definhara pouco a pouco e finalmente viera a óbito, vítima de um câncer de

pulmão. Sem levantar suspeitas, foi cremado sob a forte comoção de sua esposa dedicada...

Esbarrar em alguém ou algo me faz lembrar que sempre há alguma pessoa que, no jogo da vida, recebeu cartas piores.

MARIA ZULEMA CEBRIAN

Cadeira 03 – Patrono Guilherme de Almeida





Milton Bigucci é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo desde 2003, na Cadeira número 5, cujo patrono é o escritor Lima Barreto. Autor de centenas de artigos publicados na mídia, Bigucci também escreveu seis livros: *Caminhos para o Desenvolvimento* (1997); *Somos Todos Responsáveis - Crônicas de um Brasil Carente* (1999); *Construindo uma Sociedade mais Justa* (2005), *Em Busca da Justiça Social* (2012); *50 Anos de Construção* (2012) e *7 Décadas de Futebol* (2014). Os livros têm renda revertida a entidades beneficentes. Como empresário, sempre esteve ligado ao setor da construção civil, onde atua desde 1961. Em 1983 fundou sua empresa familiar e profissionalizada, a construtora MBigucci, com sede em São Bernardo do Campo. É conselheiro vitalício e membro do Conselho Fiscal da Associação dos Construtores, Imobiliárias e Administradoras do Grande ABC (ACIGABC), do Conselho Consultivo Nato do SECOVI-SP, e conselheiro nato da Associação Comercial de São Paulo e do Clube Atlético Ypiranga (CAY). Nascido no Bairro do Ipiranga – São Paulo, em 1941. Casado com Sueli Pioli Bigucci. Pai de quatro filhos (Milton Bigucci Junior, Roberta Bigucci, Marcos Bigucci e Marcelo Bigucci) e avô de 12 netos.

O EU DE CADA UM

MILTON BIGUCCI

Seja transparente e fale a verdade sempre. Na vida devemos procurar acertar, embora também erremos. Faz parte do jogo. Os inimigos, quando existem, só comentam quando você erra.

Não nasci empresário ou filho de empresário; nasci muito pobre. Meu pai e minha mãe não tiveram estudo, ele carpinteiro e ela do lar, mas justos e honestos. Aprendi a importância de estudar, trabalhar e ceder, para ser digno e verdadeiro. E assim o fiz.

Ficar rico não era meu objetivo e, embora sem necessidade, por gostar do que faço é que sigo lutando sou feliz. Trabalho, produzo e gero empregos. Sinto-me vitorioso. Sou um idealista e almejo ver um Brasil melhor para todos.

O futuro depende do trabalho e comprometimento de todos nós e das gerações futuras. É preciso instaurar o bem sempre; para tanto, são necessárias atitudes concretas.

Peço a Deus que não permita que eu seja omissos.

Há 40 anos, em 1981, fundamos o Lar Escola Pequeno Leão em São Bernardo do Campo, na época um orfanato, hoje uma entidade que acolhe mais de cinquenta crianças e jovens. Milton Bigucci Junior, meu filho, é atualmente um dos diretores. O importante é que a futura geração entenda que não receber o peixe é preciso para se aprender a pescar.

Assim, em 1980, com um grupo de amigos, também fundei o CAMPI – Círculo de Amigos do Menor Patrulheiro no Ipiranga, São Paulo, que até a presente data formou mais de 11 mil jovens, preparando-os para o mercado de trabalho.

Nossos colaboradores se vestem de palhaços e visitam as crianças com câncer nos hospitais públicos. São ações cheias de aprendizado para quem faz e para quem

recebe. Minha filha Roberta é a coordenadora. Observo, no entanto, pessoas reclamando, culpando e acusando a outrem na tentativa de justificar sua própria incompetência. Parar de reclamar, agir, mudar e deixar de lado o negativismo seria ideal. Sejam otimistas!

Mudar, melhorar, criar, progredir e reinventar-nos, superando os desafios! Porque, mesmo diante dos dissabores, é preciso acreditar no bem. Ser útil é fundamental.

A geração atual, salvo exceções, encontra-se pronta para tudo receber e nada ofertar. As dificuldades da vida não devem ser motivo para desânimo. Aprecio o conteúdo, o cerne da questão. Reuniões ou lugares que não acrescentam me desanimam. Trabalho sempre aberto, não apenas com a intenção de ajudar, mas, também, para aprender com os colaboradores. Procuro ouvir mais do que falar. Na verdade, o exemplo vale mais que aconselhar.

Sou ativo física e mentalmente. Pratico futebol de campo duas vezes por semana. Sou assim. Se Deus quiser, só penso em parar ao morrer, adoro minha vida.

Não me refiro aos bens materiais, mas à minha vida em sociedade, com minha família e meus amigos. Amo a vida.

Este é o meu mistério: sou uma pessoa transparente, sempre fui e sempre o serei!

Algumas frases minhas que deixo para refletirmos:

“Não existe sorte, o que existe é a busca incessante por coragem e metas à luz de Deus.”

“Não deixe que pequenos conflitos individuais ou coletivos cresçam. Reúna as pessoas e discuta para chegar a um resultado melhor.”

“Direcione sua vida de forma transparente com os que estão à sua volta, não como inimigo ou omissos, e certamente a sua ajuda será maior e melhor.”

“Seja líder e não carrasco. Em casa, com os amigos ou no trabalho, divida suas decisões. Aja com sabedoria, sem arroubos de ira.”

“Às vezes, as pessoas tentam justificar sua incompetência culpando os demais. Faça uma autoanálise, reconheça suas falhas e corrija suas atitudes. O trabalho molda o caráter, cria o respeito ao próximo e às normas da sociedade.”

“Madrugue e trabalhe sempre. Lute sem medo, com vontade e garra. Muito otimismo e comunicação! Participe de instituições, eventos e aprenda com a vida e as pessoas. Elas nos ensinam sempre, principalmente as mais humildes, idosas ou jovens.”

“Para vencer é preciso trabalhar e estudar, com dedicação e amor. Não se lamente ou protele suas decisões. Vá à luta, produza!”

“Os obstáculos nos fazem amadurecer pessoal e profissionalmente. A persistência é a alma do sucesso. Siga em frente, não espere que a solução caia do céu. Busque-a. Viva o agora!”

“Empreender é também evoluir os pensamentos. Não se aferrar a pequenas questões, abrindo os olhos, a mente e o coração, permitindo, assim, que surjam as oportunidades.”

“Inspire-se em alguém em que acredita. Seja inspiração para os outros também! Com paixão, determinação, sabedoria e união, inspiraremos e avançaremos.”

“Sempre acreditei que seria possível, nunca tive guru, mas uma vontade férrea de vencer. Sempre fui incentivado pelos meus pais, esposa, filhos e familiares. Quanto mais unida for a família, melhores serão os resultados patrimoniais e familiares.”

“Deus permita que nunca me conforme ou fique omissos diante das injustiças sociais do país! Em hipótese alguma esqueça da responsabilidade social que devemos ter e realizar por atitudes concretas. O importante na vida são os sorrisos que despertamos, a caridade que fazemos, as atitudes que tomamos e o amor que plantamos.”

MILTON BIGUCCI

Cadeira 05 – Patrono Lima Barreto





André Chaves é Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa, a Cadeira 06, cujo patrono é Machado de Assis. Natural de São Caetano do Sul, é Bacharel, Licenciado, Mestre em História Social e Doutorando em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. Possui Pós-Graduação Lato Sensu em Ética e Filosofia Política, Teoria da História, História e Literatura pela mesma instituição; MBA em Gestão de Academia de Ginástica pelo Centro Universitário Internacional. Como poeta: publicou Cem Primeiros Poemas; Lençóis que exalam poemas de Amor; Dez anos depois; A razão em mim. Em narrativa: Contos Natalinos – Tempos de São Caetano; Isaac Schutemberg e os segredos da Ditadura Militar; Isaac Schutemberg e os segredos do Nazismo. Em Historiografia: São Luis Scrosoppi – Bicentenário de seu nascimento; A Revista da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro – Uma proposta para a Identidade Jurídica Nacional Brasileira; As relações de trabalho no Brasil – História e Reflexões; Unimed 40 anos: Idealismo, conhecimento e solicitude na tradição médica de Botucatu; Unimed FESP 40 anos. Em Gestão de Pessoas: 20 Lições de liderança cristã e sucesso da equipe de trabalho.

VERSOS PROFÉTICOS

ANDRÉ CHAVES

Um apartamento, localizado na Avenida Paulista; um edifício recém-construído onde os poucos moradores tinham que conviver com muitas reformas. Habitá-lo era um misto de realização e paciência.

Havia se mudado há poucos meses, um dos primeiros condôminos a chegar. Decorou a nova moradia como sempre sonhara; o ambiente era propício à criatividade, qualidade essencial do seu ofício.

Olhava ao passeio público da janela, mirante privilegiado no quinto andar, e observava os transeuntes: coragem ou estupidez? O ano de 2020 terminava em meio ao alvoroço das compras e a esperança do encontro familiar no Natal ou Réveillon. Entretanto, o microrganismo assassino deleitava-se em decorrência da aceitação explícita da ignorância e psicopatia das multidões transloucadas: Madame Morte rodopiava taciturna por entre a coletividade incógnita, selecionando parceiros de todos os gêneros para sua dança; ela via o que ninguém mais.

Antes, hesitava entre gritar sobre o perigo com a potência dos quatro ventos ou largar-se no genuflexório da Igreja de Santa Catarina, defronte à imagem do Cristo Salvador, mãos unidas a pedir em lágrimas ao Ser Supremo pela remissão das almas dos vivos. Encontrou meio-termo no seu campo de atuação, literatura.

Romance ou conto? Dúvida natural. Escritora reconhecida pelo talento, era requisitada com frequência para palestras e pelos programas de entrevistas da televisão aberta ou incontáveis canais das plataformas de compartilhamento de vídeos na Internet. Privilegiada pela natureza, possuía imagem de traços marcantes da beleza resoluta em mulher madura; todos que a assistiam encantavam-se com seus gestos finos, voz levemente rouca, inteligência admirável. Sem o mesmo olhar complacente ao espelho, era suficientemente confiante em suas habilidades maiores.

A publicação não poderia tardar. De repente exclamou para si que a melhor escolha seria outra: a poesia.

Ninguém suspeitava dessa aptidão díspar, herança da adolescência. Dos bilhetes e cartões recebidos dos moçoilos ficava a impressão de versos imaturos, não como resultado da idade, mas da incompetência. Era gentil, recebia-os com delicadeza, evitando afastar definitivamente os pretendentes, que poderiam ter outras virtudes. Sonhava com um homem simples, sem ambições de posição social, virtuoso no trabalho, fiel à esposa. Via, dessa forma, a possibilidade compartilhar sua existência com alguém que desse valor maior à vida em família – imagem cristalina em sua memória – que ao dinheiro; assim modesto, valorizaria suas escolhas, inclusive a opção de viver pela arte.

Em momentos reservados, sentava-se, na casa paterna, à centenária mesa de jacarandá da sala de jantar, um local imperfeito: se pudesse ter um escritório ou uma bibliote-

ca privada seria melhor, mais confortável para estudar e reescrever aqueles versos. Penejava aqui, riscava ali, brincava de malabares com as palavras, qualificava-os de “rascunho” com potencial para se tornarem arte por haverem sido inspirados em sentimentos. Assim, na tentativa de reformulá-los e os aprimorar astutamente e dar-lhes surpreendente significado, submetia-os aos sintomas de uma leitura contumaz e deixava de ser aluna aplicada de Literatura Brasileira para iniciar-se como escritora.

Algumas folhas deram origem a um bloco suficiente para um livro, que nunca saiu da pasta; guardava-o como joia de infinitos quilates. Deixou seus pais curiosos, sem nunca lhes revelar aquelas rimas. Não queria que se ocupassem ainda mais com sua vida emocional; inibidos pelo medo, receavam que a filha fosse acometida pela depressão. Não entenderiam o engenho que brota da melancolia do escritor.

Esse temor nascera na infância. Certa vez, sentada num balanço, pedindo ao pai que cessasse os empurrões, saltou, fitou guris inocentes e adultos sorridentes que se aqueciam no calor carinhoso da primavera.

- O que foi, minha filha?
- As “luzes”, papai.
- O sol está forte mesmo...
- Do sol não, papai, das pessoas...

Tomara consciência de sua capacidade incomum: enxergava estranha energia extrafísica imanente a todos os seres vivos, em especial dos humanos. Uma menina exemplar, educada, curiosa, aplicada, inteligente, tudo o que se espera de uma criança saudável e pura felicidade.

Os relatos incessantes, que despertaram atenção dos pais, logo se tornaram preocupação. Analisaram atenciosamente e, levando em conta todos os detalhes, consultaram enciclopédias, páginas da internet e, livros que prometiam uma terapia milagrosa.

Mistério persistente, procuraram por ajuda especializada: oftalmológica, psiquiátrica, católica, espiritualista, benzedeira, nada que produzisse argumentos explicativos convincentes ou cura.

Da infância à juventude, aprendera a se divertir com as situações criadas para satisfazer a necessidade dos pais de identificar uma possível patologia física ou mental; ainda pior, possessão maligna ou qualquer anormalidade passível de tratamento ou remissão. Foram várias tentativas para mostrar-lhes a ineficácia daquelas experiências:

— Não se preocupem — dizia —, possuir essa capacidade não significa que seja vítima de sofrimento, maldição ou qualquer danação. Somente vocês e as pessoas a quem confidenciaram sabem sobre mim; todas as outras do mundo nem fazem ideia de que eu existo!

Reunia a isso grande receio: percebia quando uma pessoa tinha sua luminosidade diminuída, ofuscada; demorou alguns anos para perceber que era sintoma da proximidade do fenecimento. “Nada demais”, pensaria um desavisado, mas a situação era espinhosa para ela. Não decidia se deveria se apaixonar ou permanecer esquiiva pelo tempo que lhe restava; ignota, ardia em seu coração a possibilidade de amar um escolhido e, no instante seguinte, o desespero por saber que em breve ele partiria e nada poderia fazer para impedi-lo.

Sua resposta foi abrir-se a casos amorosos pontuais na mínima possibilidade de estabelecer laços ou sentimentos. O silêncio, o desprezo eram uma forma ímpia de se proteger, funcionava bem.

Outra opção resoluto foi escrever ficção.

Experimentou redigir o primeiro texto ininterruptamente. Apresentou os personagens, não os guiava, deixava que a trama se desenvolvesse de maneira voluntária; o final foi sublime, ainda que em esboço. Foi apenas uma

reformulação e uma revisão para concluir *Inexperiência do Perdão*, história de uma mulher trabalhadora e religiosa que coloca em suspeição a própria fé diante das maldades das pessoas com quem tivera contato. Depois do lançamento por uma das mais populares editoras brasileiras, recebeu o prêmio Jovem Escritor.

Seguiram-se *Mão esquerda: vergonha*, outro romance, dedicado a um jovem enxadrista que se tornou empresário de sucesso ao levar os estratagemas do esporte para a concorrência facínora do mundo corporativo, e *As esquecidas*, livro de contos que logo se tornou um manifesto da luta feminista pelas narrativas de identidade e força de mulheres que passaram por desafios tremendos para chegar à felicidade. O sucesso com o público leitor se refletia na crítica literária. Foi referendada por Ermenegildo Vardim, intelectual reconhecido e severo de São Paulo, que, nessa ocupação, tecia-lhe constantes elogios e a colocava como “promessa legítima da solidez da nossa literatura” e “futura dama do púlpito dos imortais”.

Os convites para palestras e entrevistas se multiplicaram; precisou contratar uma secretária, para cuidar dos compromissos, e uma agente, para a carreira. A arte lhe proporcionou conquistas, como a entrada no financiamento do apartamento na área nobre de São Paulo, onde é intensa a oferta de cultura. Estava feliz em seu espaço privado, que logo virou seu claustro de segurança.

Então, sorradeira como exígua lembrança das férias no inverno europeu, *Madame Morte*, vestida de pandemia viral hialina, enclausurou milhões em suas residências e, sem aviso ou satisfação, escolheu anônimos displicentes, ou simplesmente inocentes, para o baile macabro.

Partiam milhares para a derradeira morada. Doída ausência dos entes amados em muitas famílias; a falta das últimas velas sombrias para chorar os defuntos em seus derradeiros leitos era impiedosa, mas o vazio repentino

era o que mais causava sofrimento.

Ela não olhou para o outro lado, bem desejava alertar cada um, mas seria condenada por louca, ou pior, esquerdista, estereótipo delirante imputado pelos bajuladores do sicário que ocupava momentaneamente o cimo da República. Decidiu recuperar as aventuras na poesia. Imaginou que, ao redigir sonetos e outras composições de estrofes curtas, seus leitores compreenderiam facilmente as mensagens implícitas nas trovas, carregadas de compaixão, amor e caridade.

Dias e dias dedicados à tarefa, o sono tornou-se irregular, a composição era uma demanda pessoal para confirmar sua posição nesse mundo diante da catástrofe. Findaram setenta e cinco poemas, poucos eram curtos, a maioria imitava explosões de sentimentos e calafrios. Descreviam a importância do ambiente familiar, dos laços respeitosos entre os cidadãos na manutenção do distanciamento, a máscara que dava aos olhos o poder de rir e chorar e o gelado do álcool, que fazia lembrar a vulnerabilidade das mãos, entre outras atitudes não farmacológicas que tentavam preservar a vida.

Versos proféticos tiveram lançamento virtual. Explodiu em vendas, contudo; as críticas causaram mais feridas que o esperado.

Alguns fãs se entusiasmaram, outros maldisseram a obra; no entanto, o julgamento de censura dos que não apreciavam a leitura foi duro. Por incrível que possa parecer, Ermenegildo Vardim disse: “Ela deveria ter permanecido na prosa, poemas rápidos com rimas pobres e idealismo recalcado; poderia ter evitado esse vexame ao deixá-los sob o colchão, como dinheiro velho que perde o valor e procura o lixo”.

Ao terminar de ler a crítica severa no jornal on-line, levantou-se e caminhou até a janela. Enquanto olhava o movimento lá em baixo, sentiu-se realizada. Parecia que

os poucos que haviam compreendido as entrelinhas lhe eram suficientes.

Corou a face, os olhos lagrimaram. Foi a derradeira amargura que a solidão lhe causou. Decidiu abrir o coração para um amor e nunca mais escrever poemas.

ANDRÉ CHAVES

Cadeira 6 – Patrono Machado de Assis





O VIÉS DO CARÁTER

ANA MARIA STOPPA

Ana Stoppa, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa, a Cadeira 09, cujo patrono é Rinaldo Gissoni, ítalo-brasileira, advogada, ativista cultural, autora de livros para todas as idades, com ênfase na literatura infantil. A escritora, doa parte da edição de suas obras, fazendo de sua arte de escrever uma grande colaboração social e uma missão de amor pelas pessoas e pelo nosso planeta. Seu projeto continuado de incentivo à leitura já distribuiu gratuitamente de abril de 2012 até dezembro de 2019, mais de 80.000 livros. Em 2014, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) concedeu-lhe o Prêmio Excelência Mulher pelo destaque, tanto no ramo da advocacia como no seu ativismo pela leitura infantil, Prêmio Internacional de Literatura Infantil, Poesia Maestro Egidio Cofano e o Prêmio Ponte Entre os Povos. Por seu trabalho comunitário de incentivo à leitura, recebeu a Medalha do Mérito Comunitário Tobias de Aguiar, concedido pela Diretoria de Polícia Comunitária e de Direitos Humanos, da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

A competitividade no concorrido mercado de trabalho, aliada à faixa etária, conduziu Severo a um emprego com salário inferior e em profissão diversa da que habitualmente exercia. Da metalúrgica de grande porte, viu-se obrigado a mudar, após sua quinta década de vida. Estava fora do mercado – pouco estudo e idade avançada. Foram meses batendo de porta em porta, até que certo dia, na feira de domingo, encontrou o conterrâneo Francisco.

– Ô Severo, já arrumou emprego?

– Rapaz, estou é feito bagaço de engenho, destruído de tanto procurar.

– Pois então, a partir de agora as coisas vão mudar! Tenho um emprego para lhe oferecer, nem precisa de seleção, está garantido!

Severo abriu um sorriso maior do que a boca da noite. Sentiu a esperança renascer no coração.

– Pois é, Severo – disse Francisco – quem me disse do emprego foi a Toinha.

- Toinha?
- Sim, seu menino! Aquela galega, filha da Dona Laurência, a Benzedeira de Juazeiro, tu te lembras?
- Oxente! Se não lembro! Francisco, pois eu sei quem é!
- Pois então, quase toda sexta a gente se encontra no forró. Quando não, sábado é lei – ela está na casa de minha irmã Zeferina. Deixa estar que, no próximo fim de semana, acertamos o seu novo emprego. Aproveite esta semana para ajustar suas coisas; semana que vem, trabalho!
- Anete, a esposa de Severo, desdobrava-se fazendo faxina para que o pão não faltasse. Os três filhos, já adultos, auxiliavam no que podiam. Abandonaram os estudos para trabalhar.
 - Mulher, tu sabes quem encontrei hoje?
 - Diga, Severo, quem foi?
 - Francisco, lembra dele? O filho de dona Eleutéria?
 - Sim!
 - Pois então, já me garantiu um emprego para semana que vem!
 - Que bom, assim acaba o teu desespero! Ah, queria te contar, Zuleide chega semana que vem!
- A bela morena, irmã de Anete, viria passar dois meses na cidade grande. Acabara de sair do terceiro casamento, aos trinta anos de idade.
 - No final de semana seguinte, ao saber qual seria o emprego, Severo ficou meio receoso, mas disse para si mesmo: vou encarar este com dignidade! Marcou de, na segunda-feira logo cedo, falar com o gerente do negócio. Passava do meio-dia, quando chegou com a notícia.
 - Anete, a partir de quarta-feira trabalharei de segurança.
 - Segurança?
 - Sim, segurança! Mas é tranquilo, o lugar é sossegado. Lá me ensinarão o trabalho.
 - Segurança de quê mesmo, Severo?

- De um motel.
- De quê?
- Isso mesmo que você ouviu! Um trabalho como outro qualquer.
 - Salário menor, função diferente, emprego que poderia dar o que falar. Nada disso incomodou Severo; bastava saber que ganharia o pão com honestidade.
 - Toinha trabalhava de cozinheira no mesmo estabelecimento. Raramente a encontrava. Severo logo se habituou à nova atividade. Normalmente, trabalhava com mais dois colegas por turno: Rivaldo e João.
 - Severo, quando tu tens folga?
 - Só na próxima sexta-feira, Anete.
 - Pois Zuleide chega nesse dia. Vamos esperá-la na rodoviária!
 - Severo não era de negar favores à esposa. Quando saiu do serviço, na sexta pela manhã, foi encontrá-la no terminal para receber a irmã.
 - Zuleide, que saudades de ti! Severo, obrigada por vir aqui me buscar! Olhe, Anete, o que mainha mandou: carne de sol, tapioca, rapadura, manteiga de garrafa.
 - Após falarem sobre as notícias e novidades dos parentes, seguiram para casa.
 - Anete, onde tem forró por aqui?
 - Mas tu nem bem chegou, já quer ir para os bailes?
 - Sim, mana, sou doída por um arrasta-pé!
 - Tem um perto de casa, todo sábado. Vai até o dia nascer, lotado!
 - Pois é lá mesmo que vou amanhã!
 - O tal do baile se tornou rotina para Zuleide; não demorou, estava de caso com um dos frequentadores. Namorava todas as noites; antes da uma da manhã, nem adiantava procurá-la. Confidenciara para a irmã que estava, na verdade, encontrando-se em dias alternados

com dois pretendentes para ver qual daria certo. Não sabia que o local de trabalho do cunhado era o mesmo em que se refugiava com um dos amores. Até que, um dia, viu-se sem saída – o segundo pretendente antecipou o convite para irem no mesmo motel! O que fazer? – pensou Zuleide, sem querer perder a chance de continuar com ambos até se decidir.

Que enrascada! Zuleide passou a noite em claro, tentando arrumar um jeito de resolver a pendenga, até que veio a brilhante ideia: pegaria sorratamente a carteira de identidade de Anete!

Então, invadida subitamente por uma paciência franciscana, esperou que todos da casa dormissem para subtrair o documento, que na verdade nem precisou procurar. Mal desatou os cordões da surrada bolsa viu a preciosidade diante dos olhos!

Acordou mais cedo do que de costume, com o barulho vindo da cozinha.

– Vamos mais eu no médico, Zuleide?

– Vou não Anete, preciso descansar.

Anete esperara por meio ano para, enfim, conseguir a consulta no serviço público. Quando chegou o dia, decidiu sair de casa mais cedo para garantir o lugar. Quando, enfim, chegou sua vez, ouviu da recepcionista de poucas palavras.

– Seu documento, senhora.

Anete virou a bolsa dos avessos e não encontrou a carteira de identidade.

– A senhora tem, pelo menos, um documento com foto?

– Espere, aqui está a minha carteira profissional.

Cadastro feito, espera longa. Enquanto isso, matutava onde teria deixado o documento. Passava das quinze horas quando foi chamada para fazer a tomografia da coluna.

Severo se apurou para o trabalho como de costume,

e nada de Anete chegar.

Pela manhã, ao regressar, estranhou; a mulher dormia profundamente. Não era costume. Procurou acordá-la para um carinho, e nada. Os medicamentos ingeridos no dia anterior a haviam deixado sonolenta, completamente prostrada.

Severo não entendeu a recusa. Pela primeira vez, sentiu-se rejeitado. Falava, mas parecia que Anete não ouvia. Miolo mole, ele passou a juntar o fato de a mulher ter ficado o dia inteiro fora com a aparente indiferença. Acordou quase que na hora de ir para o trabalho.

Zuleide, por sua vez, chegou na hora do almoço – havia varado a noite fora. Logo que entrou em casa, deu um jeito de colocar o documento da irmã no mesmo lugar.

Anete sentia-se enfraquecida, porém ocultava da família. Não queria despertar preocupações.

Ao sair para o trabalho, Severo pensava na rejeição, na apatia da esposa durante o dia, na demora no tal do exame. A cabeça fervia. Às duas da madrugada, na pausa para o café percebeu Rivaldo, um dos seus colegas de trabalho, meio que desviando o olhar, como quem quisesse dizer algo.

– Que cara é essa, Rivaldo? Café frio, amargo, duro de descer. Severo viu a expressão de medo no rosto magro do amigo. Mais que isso: de pavor. Após alguns minutos de total silêncio, Rivaldo danou-se a falar:

– Escute, homem...

– Mas diz logo, homem, que cara é essa? Morreu alguém, foi?

– Severo, nem sei por onde começar. Ontem, Marinalva estava sozinha no atendimento. Uma hora ela precisou ir ao banheiro, então me pediu que ficasse no posto alguns minutos. Na caixinha com o número dos quartos, tinha os documentos dos frequentadores. E eu, enxerido,

fui dar uma espiada.

Rivaldo buscou forças no além para concluir o que seria uma revelação sem precedentes:

– Sim, e daí, Rivaldo? Espiada em quê?

– Nos documentos de quem estava namorando por aqui, Severo!

– Preciso te contar uma coisa muito séria. Os documentos... Rivaldo emudeceu por alguns segundo para, em seguida, disparar. – Tu vais é endoidecer, mas preciso te contar: Vi a carteira de identidade de sua mulher aqui!

– É o quê, seu menino?

– É isso mesmo! Anete esteve aqui com um “cabra”.

– Valei, meu Padre Cícero! Como ela pôde fazer isso?

Sentindo-se melhor, Anete acordou mais cedo, preparou o café. De repente, o coração se alegrou ao ouvir os passos de Severo, que entrou em casa cego, por assim dizer.

Foi direto para ao quarto, de onde retornou enfurecido, com a velha garrucha em punho. Olhou bem para a mulher, nada disse – foram três tiros certos.

Esperou a chegada da viatura. Assumiu o ato. Limitou-se a dizer para o delegado:

– Lavei a minha honra, corno não!

Zuleide, quando soube do acontecido, calou-se sem o menor remorso. Após o funeral da irmã, decidiu ficar de vez na capital. Família destruída, Severo preso, nada disso a abalou; o importante é que a partir de então teria moradia definitiva e de graça.

Do nada, deixou de frequentar os bailes. Dissimulada, chorava copiosamente a morte da irmã. Tornou-se assídua frequentadora das missas dominicais; passou a ocupar o quarto da falecida, com os pertences, objetos pessoais e tudo mais. Conversou muito com os sobrinhos sobre a grandeza do perdão. Até então, haviam transcorrido seis meses desde a fatídica manhã.

Decidiu, então, visitar Severo na prisão. Quando avisou o cunhado, não conteve a emoção!

Severo também chorou, ao mesmo tempo em que falava da saudade que sentia dos filhos, da vida arruinada, da traição, da honra lavada e de Anete. Zuleide abraçou-o sem pressa, dizendo:

É, Severo, bem que eu desconfiava que Anete não fosse lá essas coisas. Era minha irmã, mas fraquejou. Imagine, trair um homem tão bom como tu!

Severo relatou a solidão da prisão. Ao final da visita, implorou para que Zuleide voltasse pelo menos uma vez por mês.

Pedido atendido! A carola passou a visitá-lo quinzenalmente. Os sobrinhos, quando souberam, deixaram a moradia. No terceiro mês, ao despedir-se do cunhado, tacou-lhe um beijo.

Severo endoidou! Sentiu o corpo em brasas, as horas paradas. Apaixonou-se de vez, até que um dia criou coragem e marcou visita íntima. Fizeram amor como nunca.

Perto do Natal, a notícia: estava grávida! Quando contou para Severo, este abriu um sorriso maior do que a boca da noite! Decidiu que sua vida recomeçaria naquele momento. Pediu a cunhada em casamento, pouco se importando com a diferença de idade: ele perto dos sessenta, ela com trinta e quatro.

A união foi selada no presídio. No quinto mês de gestação, a novidade: teriam uma menina!

– Severo – disse Zuleide, toda dengosa, em uma das visitas – pensando bem, amor, temos que perdoar. Quero homenagear minha irmã, a pecadora que te colocou aqui. Você sabe, o sangue fala mais alto. Depois, mainha ensinou a gente a ser unido. Nossa filhinha terá o nome parecido com o de minha irmã: Janete. Tu concorda?

– Você escolheu, minha flor, está escolhido. Será Janete.

A menina veio ao mundo no mesmo dia em que Severo completou 60 anos. Passados quatro anos, ele soube que seria colocado em liberdade.

– Semana que vem, minha querida! Semana que vem estarei em casa!

– Que maravilha, Severo! Tu és o homem de minha vida, viste!

– Pois então te espero em nossa casa. Preciso ajeitar a chegada de nosso rei! Eu, Janetinha e o Severino, que está a caminho, esperaremos por ti!

– É o quê, minha linda?

– Nosso filho! Nosso segundo filho está chegando!

Manhã ensolarada, Zuleide acordou mais cedo, preparou a mesa, caprichou na arrumação da casa.

Nos guardados da irmã, reconheceu o velho vestido de noivado. Experimentou, gostou! Foi com ele que se arrumou toda, para esperar o amado.

– Meu rei, tu é de fazer as minhas vontades, não é?

– Sempre, minha adorada! Sempre!

– Pois então, à tarde a gente precisa sair.

– Como assim, Zuleide? Ainda estou meio perdido, acabei de deixar aquele lugar dos infernos! Tenho medo de sair nas ruas, espere uns dias.

– Pode não!

– Como? Diga, Zuleide, o que a gente tem de tão importante que precisa ser feito hoje?

– Edilene.

– Sim, sua irmã mais nova!

– Nova não, Leninha já está é com 30 anos e formosa como ela só, doida por um forró!

— Disso eu sei, mulher, o povo vive falando...Mas o que tem isso agora? O que aconteceu com sua irmã?

– Meu amor, Edilene chega às oito da noite no terminal rodoviário. Separou-se de Reginaldo; a pobre está

desolada, pediu para ficar aqui um tempo. Não tive como negar!

ANA MARIA STOPPA

Cadeira 9 – Patrono Rinaldo Gissoni





Ana Cristina Silva Abreu, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 12, cujo patrono é Herculano Pires. Nasceu em 15 de março de 1984 na cidade de Ourinho, interior de São Paulo. Atualmente reside em Santo André. cursou Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo. Foi premiada com o projeto de Marketing entre Culturas em primeiro lugar no Prêmio Talento Metodista 2015, categoria Melhor Monografia e no prêmio Destaque Metodista 2006. cursou, ainda, Letras pela Universidade Metropolitana de Santos, especializou-se em Língua Portuguesa pela Faculdade de Educação São Luiz de Jaboticabal e em Alfabetização pelo Centro Universitário UNISEB. Conquistou o segundo lugar no Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil 2010 com a obra, O Coelho sem Cartola; primeiro lugar no Concurso Internacional de Literatura 2011, da União Brasileira de Escritores — Rio de Janeiro — com a obra Mas... e o Zero?; o quinto lugar no Primeiro Prêmio Cuore de Literatura Infantil e Infanto Juvenil 2013, com a obra, O Colecionador de Palavras; e o primeiro lugar no Concurso Cultural Pense em algo bonito, sonhe com a República Tcheca 2020, com o conto Precisando de inspiração? Sua próxima parada é a República Tcheca! Lançou, ainda, o livro A Montanha, o Cachorro e o Menino e o livro A Dança do Dragão, pela Amazon, em 2019.

A ORIGEM DAS ESTRELAS CADENTES

ANA CRISTINA SILVA ABREU

Um pequeno dragão cinzento vivia entre as árvores, olhando para o céu. Ele observava as estrelas cadentes na sombra da noite com uma ansiedade que não sabia explicar. Não havia, naquelas cercanias, dragões mais velhos e vividos a quem perguntar essas questões que assolam os corações jovens e sedentos. Ele seguia curioso, obstinado em descobrir o que fazia com que caíssem as estrelas.

— São estrelas velhas que já não conseguem agarrar-se ao céu, explicou o jovem dragão amarelo.

O pequeno dragão cinzento permaneceu em silêncio.

— Não acredita? Pergunte a qualquer um! Todos sabem disso.

O jovem dragão amarelo era jovem demais para saber das coisas do céu; decidiu não perder tempo com ele.

— São espaçonaves alienígenas entrando na órbita terrestre para observar os seres que aqui vivem, afirmou o grande panda.

O pequeno dragão cinza arregalou os olhos.

— Não acredita? Você é muito ingênuo.

O grande panda parecia imaginativo demais para saber das verdades do céu.

— São lixo espacial dos humanos voltando para nossa atmosfera. Os humanos são assim, emporcalham tudo, sentenciou o velho tigre rajado.

O pequeno dragão cinzento deixou os ombros caírem, desanimado.

— Não acredita? Você é muito otimista, defensor de humanos.

O velho tigre rajado parecia pessimista demais para saber dos mistérios do céu.

— São fragmentos de rocha, nada mais que isso, fez pouco caso a bela fênix colorida.

O pequeno dragão cinza entreabriu os lábios para contestar, mas calou-se.

— Não acredita? Você é muito novo e gosta de contos de fadas.

A bela fênix colorida parecia fria demais para saber dos encantos do céu.

— São bolas de fogo expelidas pelos deuses para punir os seres infratores, alertou a carpa dourada.

O pequeno dragão cinzento assustou-se, não com a fúria dos deuses, mas com o temor da carpa.

— Não acredita? Você é um infiel que logo estará na mira de uma dessas bolas!

A carpa dourada parecia cega demais pela sua fé para saber das crenças do céu.

— São chuva, disse a lendária tartaruga.

O pequeno dragão cinzento esperou que a frase tivesse um complemento. Depois de um silêncio constrangedor, indagou:

— A chuva não é feita de água?

— Não acredita? Quer rotular a chuva? Você é um tirano!

A lendária tartaruga parecia contestadora demais para saber dos comprometimentos do céu.

— São anjos caídos, lançados à Terra depois de terem sido expulsos do Céu, insistiu o gigante búfalo.

O pequeno dragão cinzento ergueu os olhos para tentar enxergar a casa dos anjos.

— Não acredita? Talvez você mesmo jamais mereça conhecer o Céu.

O gigante búfalo parecia julgar demais os outros para saber dos segredos do céu e do Céu.

— São raios solares que escaparam do dia e vieram cair na terra à noite, ensinou a enguia negra do lago.

O pequeno dragão cinzento ponderou em silêncio que talvez o grande panda não fosse o mais imaginativo da vila.

— Não acredita? Espero que um desses raios não o acerte sem querer.

A enguia negra do lago parecia querer competir com o grande panda; não devia saber da realidade do céu.

— São as almas dos nossos ancestrais, flutuando pelo espaço, explicou a temida ratazana da muralha.

O pequeno dragão cinzento nem ouviu a explicação, ficou se indagando o porquê de a ratazana da muralha ser temida.

— Não acredita? Pois farei de você uma estrela cadente! E avançou sobre o pequeno dragão, com seus dentes furiosos.

A temida ratazana da muralha parecia fazer jus ao seu nome.

O pequeno dragão cinzento cansou-se de caminhar pela vila em busca de respostas. Todos pareciam entretidos demais com suas próprias verdades para perder tempo olhando para o céu. Sentou-se, exausto mais no corpo mental do que no físico, sobre uma rocha ao lado da cachoeira.

A água turbulenta que passava sob seus pés brilhava estranhamente, o que fez com que fixasse seu olhar nas ondulações. Em dado momento, como que tomado por um transe, enxergou um velho dragão prateado submerso fitando-o. Tomou um susto, mas permaneceu imóvel.

— São vocês, disse o velho dragão prateado nas águas.

O pequeno dragão cinzento sacudiu a cabeça.

— Somos nós, disse o velho dragão prateado nas águas.

O pequeno dragão cinzento encolheu-se. Que mistério seria aquele?

— Não acredita? Pois voe!

O velho dragão prateado nas águas desapareceu e foi como se nunca estivesse estado lá.

O pequeno dragão cinzento olhou para o céu. O velho dragão prateado nas águas parecia... sábio. Perguntou-se por que não havia dragões adultos na vila. Olhou novamente para o céu. Depois, correu até o jovem dragão amarelo para contar sua descoberta.

— Você agora tem múltiplas personalidades? Acha que é dragão e estrela?

O jovem dragão amarelo agora parecia querer mostrar saber mais do que na verdade sabia.

O pequeno dragão cinzento deu as costas, triste, e subiu a colina.

— Voe, repetia a voz do velho dragão prateado no lago bem no fundo de sua alma.

— Não tenho asas, respondia, em sua mente.

— Nem as estrelas cadentes têm, insistia a voz.

Ao fechar os olhos, o pequeno dragão cinzento sabia que aquele era um caminho sem volta. Inalou todo ar que pôde e tombou o corpo para frente. Esticou-se instintivamente e rodopiou no ar, certo de que sentiria o impacto em segundos.

Para sua surpresa, ao abrir os olhos, flutuava levemente na brisa do fim da tarde. Girou, subiu, desceu e cortou o céu a uma velocidade cada vez maior. Elevou-se o mais que pôde e lançou-se na direção do chão, com incrível controle de seus movimentos.

Lá embaixo, o jovem dragão amarelo olhou para o céu e perguntou-se se aquela estrela cadente não poderia ser algo além de uma estrela. Quando seu rastro prateado desapareceu no horizonte, ele buscou o pequeno dragão cinzento para discutir melhor aquela questão, mas ele não estava à beira da cachoeira, nem em casa, nem no alto da colina, nem em lugar algum onde pudesse ser encontrado.

ANA CRISTINA ABREU

Cadeira 12 – Patrono Herculano Pires





José Bueno de Lima, advogado, pai de quatro filhos, José Antônio, Antônio Celso, Patrícia e Luís Felipe, nascido em Santo André, aos 27 de dezembro de 1937, filho de Antônio e Adelina Lima, Procurador-Chefe da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, aposentado, escritor. Publicou três livros: *Um Passado Sempre Presente*; *Como Se Fosse Hoje* e *Crônicas, Contos de Um Saudosista e Tempos Transcorridos*.

COMO NASCEU O LIVRO TEMPOS TRANSCORRIDOS

JOSÉ BUENO LIMA

Estamos em plena guerra contra um inimigo invisível! Um vírus até então pouco conhecido, que começou a atacar na China, entre outubro e novembro do ano 2019 (por isso chamado Covid-19), chegando ao Brasil em fevereiro de 2020, após deixar seu rastro de verdadeiro assassino na Itália, na Espanha e nos Estados Unidos. Hoje, o mundo inteiro vem lutando contra ele.

Nosso País tem sofrido sua ação de modo terrível, de norte a sul. Não estávamos preparados para enfrentá-lo, o que não é novidade. Não quero aqui entrar em assunto político, apenas vou me referir às consequências que ele, o Corona, como também é conhecido, causou na vida normal dos brasileiros, que, orientados pelas autoridades sanitárias, inclusive pelo órgão da ONU para a saúde, a OMS, fomos obrigados a nos submeter a uma quarentena. A melhor defesa, o isolamento, pois não existe nenhum remédio ou tratamento específico que combata esse mal.

Então, desde meados de março de 2020, estava preso: isso mesmo! Uma verdadeira prisão em minha residência, sem poder levar a vida normal que todo cidadão leva, como ir às compras do necessário para sobreviver, bem como outras ações, bancos, repartições públicas, restaurantes e, nem mesmo, as aulas do curso de italiano, as mi-

nhas diárias caminhadas matinais e o pilates não podia fazer. Somente as atividades essenciais, como farmácias, estabelecimentos ligados à saúde, padarias, supermercados estavam inicialmente liberados à população. Como parte do grupo de risco, não saía para nada a princípio

Nessa situação, me vi obrigado a mudar, radicalmente meu dia a dia. Tinha como quase um compromisso diário, além dos já citados, dar uma volta pela rua Coronel Oliveira Lima, a principal via comercial de Santo André, onde encontrava diversos amigos antigos, a maioria jogadores de futebol da várzea, num dos bancos nela existentes, que eu chamo “banco dos boleiros”. Hoje quase todos sub-oitentas, eu sub-noventa!

Trancafiado, procurei superar todos esses impedimentos, fazendo diariamente minha caminhada na garagem do prédio, exercícios em casa, a leitura dos jornais na sacada, aproveitando quando havia sol. Sou fanático por palavras cruzadas; aproveito primeiro a dos jornais, um tanto quanto fáceis, gostando mais das da revista A Recreativa. Não sou de ficar o dia todo no celular. Volta e meia aciono o WhatsApp, vejo o Facebook, pois faço parte de diversos grupos dele. O que mais estava me fazendo falta era o curso de italiano, que não citei. Então, para suprir essa ausência, assistia a filmes da Netflix, colocando aquele idioma tanto na legenda quanto nos diálogos.

Outro aspecto que tenho sentido é o distanciamento na comunicação entre nossos amigos. Nossos almoços aos sábados, com os mais antigos, os ligados ao Clube Panelinha, fazem muita falta. A ausência dos encontros do grupo dos “velhinhos do Parque”, que há tantos anos fazemos caminhadas diárias, e depois delas, o cafezinho na padaria, tem nos distanciado sobremaneira. Então, para essas ausências, as mensagens por meios eletrônicos ou por telefone são um paliativo. Como disse Ruy Castro, “o confinamento nos tornou melhores. Os mais novos li-

gam para os mais velhos. Os mais velhos ligam para os ainda mais velhos. Querem saber como vão...”. Exemplos:

Meu cunhado Duílio e eu nos falamos todos os dias, reciprocamente, querendo saber como estamos.

Outro dia, com o Zé Raul, um grande amigo, numa conversa pelo WhatsApp, de sua casa de campo em Itu, falando a respeito de um texto constante de minhas escritas, eu me referi a um de meus três livros, e ele, surpreso, indagou-me por somente ter dois deles, afirmando que, na realidade, eu publiquei três e prometi ceder-lhe o faltante. Nessa mesma conversa, perguntou-me quando sairia o quarto livro, lançando-me o desafio de aproveitar o isolamento para publicá-lo, já que gostava muito de minhas crônicas. A partir daí o assunto começou a girar em minha cabeça, até que, finalmente, decidi-me a fazê-lo. O tema está em andamento e, num futuro bem próximo, o quarto livro estará em minhas mãos.

Obrigado, amigo Zé Raul!

Numa decisão bem temerária no início, as autoridades públicas começaram, pouco a pouco, a abrir mão do isolamento, liberando a reabertura de algumas atividades, muitas das quais que ensejam a aglomeração de pessoas, justamente quando estava havendo um aumento demasiado de casos, evidenciando a gravidade da doença e o decorrente grande número de mortes. Inclusive contra o que diziam as autoridades sanitárias!

Eu nem ligo para isso, na condição de parte do grupo de risco, vou continuar em minha quarentena, protegendo-me o máximo possível, colocando nas mãos de Deus a ventura de não ser atingido pelo vírus.

Vade retro, Satanás!

JOSÉ BUENO LIMA

Cadeira 14 – Patrono Álvarez de Azevedo





Clóvis Roberto dos Santos, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa, a Cadeira 16, cujo patrono é Euclides da Cunha. Bacharel em Pedagogia e Direito. Especialista em Administração e Supervisão Escolar. Mestre em Educação. Doutor em Educação. Docente, diretor de escola, supervisor de ensino, delegado de ensino, diretor regional de ensino da Região do ABC. Professor, Chefe de Departamento, Coordenador de Cursos de Graduação e Pós-graduação da Educação Superior em universidades do ABC; Baixada Santista e São Paulo. Autor de dezessete livros sobre educação. Membro da Academia Paulista de Educação, Cadeira 19, Patrono Carlos Pasquale.

O MISTÉRIO DA PALAVRA

CLÓVIS ROBERTO DOS SANTOS

“O mistério não só não limita a razão, mas constitui, por assim dizer, o seu horizonte último enquanto base de nossa existência espiritual. Sem se deixar reduzir ou absorver pela razão – essencialmente de abertura e acolhimento – o mistério aparece à experiência transcendental que o espírito tem de si mesmo como o termo indizível e jamais atingido do seu próprio dinamismo.”

LOGOS –

Enciclopédia Luso-brasileira de Filosofia.

Rio de Janeiro: Verbo, 1990

A palavra mistério não é de fácil compreensão pelo seu significado muito profundo, abstrato, difícil para a razão humana e, por isso, um verdadeiro mistério descrevê-la. Como não estou morto e nem, pelo menos, cego, conforme afirmação de Einstein – Meu Credo, 1932 – vou procurar não a desvendar, por ser impossível, mas tentar descrevê-la um pouco.

Cito, inicialmente, pelo lado profano e popular, o teatro, o amor erótico de uma música brasileira e uma canção baseada na literatura de cordel, tão ao gosto de nossos irmãos do Nordeste brasileiro.

Pelo teatro, “O Mistério de Irma Vap” (The Mystery of Irma Vep), peça teatral de Charles Ludian que, no Brasil, ficou famosa como característica do “teatro besteiro”. É uma sátira de vários gêneros teatrais e cinematográficos, incluindo melodramas vitorianos, farsa etc. O autor fez a seguinte afirmação: “Nosso ponto de vista era realmente levar as coisas muito a sério, concentrando-nos, especial-

mente, naquelas subestimadas pela sociedade e reavaliá-las, dando-lhes novo significado, novo valor, ao mudar o seu contexto”. É isso, valorizar as coisas consideradas inúteis para elevá-las à condição de aceitabilidade pela sociedade.

Do nosso cancionário do século XX, a linda valsa – que tem como autor e intérprete Francisco Alves, o Rei da Voz (da época) – “Misterioso Amor”, lançada em 1937: “Misterioso amor/Eu fui sentir a noite inteira/Nos lábios que beijei/No sonho que sonhei” etc.

Agora, a canção de Ednardo, Pavão Misterioso, de 1974: “Pavão misterioso/Pássaro formoso/Tudo é mistério/Nesse teu voar” etc.

Haja mistério nas letras das canções citadas, mas vejamos o lado religioso e filosófico do termo: a) “no cristianismo, desígnio divino sobre a história do mundo, especialmente sobre a salvação, manifestado no tempo. Toda doutrina cristã sobre Deus e sua ação”; b) “culto secreto, ao qual não eram admitidos senão os Iniciados; algo que é secreto, escondido, não repartido com os outros; algo incompreensível que não se consegue explicar ou desvendar (enigma)”. Também, da mesma fonte, “Algo ou alguém desconhecido, do qual, não se tem nenhuma informação e que, geralmente, provoca curiosidade em torno de si”; e c) na Teologia: “cada um dos pontos da doutrina religiosa ou cristã que são considerados Verdade Revelada, inacessível à razão”.

O que há de mais comum, nos dicionários e nos livros sagrados é a explicação da palavra “como algo muito bem escondido e, portanto, quase de impossível entendimento porque tem causa oculta e a impossibilidade de sua compreensão, mas muito linda e profunda no cotidiano da humanidade”.

Conforme mencionado, o mistério religioso é um culto onde só eram admitidos os Iniciados, por ser algo escondido, oculto, não repartido com os outros, logo,

um segredo, um abismo, uma charada, um enigma, uma incógnita, absolutamente longe do conhecimento dos leigos.

A Bíblia, livro sagrado conta o início do cristianismo, relatando os acontecimentos fundamentais da vida de Jesus, desde o nascimento até a morte e outros tantos acontecimentos correlatos, num sentido alegórico que prefigurou “mistérios do logos”. A palavra logos, em filosofia, é algo como um princípio de inteligibilidade que Heráclito descreveu como “... o princípio supremo de unificação, portador do ritmo, da justiça e da harmonia que regem o universo” ou, conforme Platão, “... o princípio da ordem, mediador entre o mundo sensível e inteligível”.

Há uma pequena diferença entre segredo e mistério. O primeiro é algo simples que não carece de tempo, estudo ou pesquisa para ser compreendido; enquanto o segundo, não é segredo, não é algo oculto, é algo que necessita de tempo e estudo, pesquisa, conhecimento, percepção para ser entendido muito pouco e somente por alguns privilegiados.

Um resumo, conforme fontes indicadas e mais Marcelo Paiva, “Origem das Palavras”, publicado pelo Instituto Educere: a) “Na linguagem erudita, o que é inexplicado, mas que nos deixa perplexo e incita à investigação ou à fuga. Há, no mistério, sempre um matiz de emotividade, do contrário seria sinônimo de desconhecido, inexplicável, o que não é”. b) “Na linguagem popular, indica tudo o que é ocultado, e que só é conhecido de um ou poucos, que guardam segredo”. c) “Nas religiões antigas, era o conjunto de práticas, dos ritos e das doutrinas secretas que se davam à parte do culto popular e legal, reservado apenas aos Iniciados.” d) “Diz-se ainda, de tudo quanto está oculto por um símbolo, que o aponta, mas também o encobre.” (“Aponta-os aos Iniciados e encobre-os aos profanos.”) e) “Também se emprega para significar tudo quanto é de difícil solução”, “que está além da mente hu-

mana, do conhecimento humano.” (“Então, os sete mistérios, os sete véus de Isis, os sete arcanos, as sete fundamentais aporias da filosofia etc.”).

Helen Briggs, da BBC de Londres, em um texto de 23 de janeiro de 2021, escreve sobre o ‘mistério abominável’, não desvendado por Charles Darwin. Alguns comentários sobre a preocupação do cientista sobre a “questão de como as primeiras plantas com flores evoluíram”.

Esse enigma poderia, segundo o famoso cientista, prejudicar suas famosas teorias da evolução a ponto deixá-lo muito preocupado no final de sua vida, segundo Richard Buggs, da Universidade de Londres, que afirmou: “O mistério parece ter se tornado particularmente abominável para ele pela ampla divulgação feita pelo guardião da botânica do Museu Britânico ao argumentar pela intervenção divina na história da vida”.

A própria Helen Briggs faz a seguinte indagação: “Mas qual é o mistério abominável?”. Ela responde: “Darwin cunhou a expressão mistério abominável em 1879. Em uma carta a seu amigo mais próximo, o botânico e explorador Joseph Hooker, escreveu: “O rápido desenvolvimento, tanto quanto podemos julgar de todas as plantas superiores nos tempos geológicos recentes, é um mistério abominável”. E completa: “Por que Darwin ficou confuso? Darwin ficou profundamente incomodado com a forma como as plantas com flores conquistaram o mundo aparentemente em um piscar de olhos, enquanto outros grandes grupos, como os mamíferos, evoluíram gradualmente.” Ela conclui: “O mistério está resolvido? Claro, tivemos muito progresso em nossa compreensão da evolução e no conhecimento do registro fóssil, mas esse mistério ainda está lá”.

Sabemos que a palavra mistério é muito utilizada para designar aquilo que, na natureza, está além de nossa compreensão e, citando Einstein: “A mais bela e profunda experiência que um homem pode ter é a sensação

do mistério”. É isso, o dia em que o homem explicar o mistério, ele deixará de sê-lo; então é revelação, isto é, divulgação da coisa ignorada ou secreta.

A escritora Clarice Lispector, em sua extensa obra, é mistério em estado puro. Em entrevista à TV Cultura, em 1977, ao jornalista Júlio Lerner, ela foi indagada sobre qual seria uma de suas obras mais marcantes. Respondeu: “O ovo e a galinha”. E completou: “até hoje não o entendo”. Se Clarice se deixava levar pelo mistério da incompreensão, quem sou eu para falar do tema. Mas falo, porque o ser humano é sobretudo um mistério em sua multiplicidade, em suas diferentes facetas. Nada é dual, como mostra o livro *O Lobo da Estepe*, de Herman Hesse, aliás uma obra que marcou nossa “feiticeira-escritora” de língua presa – não era sotaque, como muitos imaginam –, que participou do I Congresso Mundial de Bruxaria, em 1975, em Bogotá.

Tenho a impressão de que escrevi o óbvio; mas se não for escrito, deixará de sê-lo.

CLÓVIS ROBERTO DOS SANTOS

Cadeira 16 – Patrono Euclides da Cunha





Humberto Domingos Pastore, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa, a Cadeira 19, cujo patrono é Dom Aquino Correa. Nasceu em São Caetano do Sul em sete de fevereiro de 1955, filho de Osvalter José Pastore e Maria de Lourdes Pastore. Formado em Comunicação Social, especializado em Jornalismo e em Teologia da Igreja Cristã. Atua no campo da Assessoria de Imprensa, respondendo pela comunicação da Diocese de Santo André. Autor dos livros: Contador de Causos Urbanos; Santa Rita de Cássia – A Padroeira do Pinheirinho; Cônego Belisário – O condutor de almas que já foi tangedor de jumentos; Lins – A saga de um líder sindical, Falando de Comunicação e de Pastoral de Comunicação, Tadeu – O outro Judas e Grudando letras, formando palavras, escrevendo frases.

O MISTÉRIO QUE CHEGOU DE NAVIO

HUMBERTO DOMINGOS PASTORE

— “Não. Não vou poder ir”.

A resposta dada por Henrique pegou de surpresa o amigo Oscar. Realmente custou a acreditar no que ouvira. Como assim, ele não poderá ir? São anos e anos que nos reunimos na primeira segunda-feira do mês, sempre em um bar diferente.

Isso era pura verdade. Esses encontros completariam em breve três décadas. Haviam começado na juventude. Naquele tempo eram semanais. Sempre às sextas-feiras. Depois quinzenais e, por fim, a cada mês. Os frequentadores não eram apenas os dois, mas quatro. Ao longo dos anos, Paulinho se mudou para o Chile, e Fred deixou o grupo por causa do triste acidente de helicóptero perto de Sorocaba, onde participaria de uma reunião de negócios. Um tempo em que a morte era algo que não estavam acostumados a vivenciar.

Os quatro amigos moravam perto e estudaram nas mesmas escolas. Na juventude, sempre estavam juntos e, adultos, acostumaram-se com esses encontros que lhes serviam, literalmente, para jogar conversa fora.

Com esses pensamentos em mente, Oscar rebateu a resposta de Henrique:

— Como assim, não vai poder ir? E o nosso encontro mensal? O que tem de mais importante a fazer? Indagou aborrecido.

Henrique se mostrava infeliz com o fato de não poder ir, mas foi taxativo. Dissera que era a contragosto que decidira não ir e explicou que há uns dez dias se punha diante do computador, mas não conseguia escrever o ar-

tigo encomendado. Agora o prazo estava se encerrando e tinha decidido que cancelaria tudo até não colocar o ponto final na história.

Oscar o ouvia em silêncio, até que resolveu questionar:

— Espera aí. Você sempre foi um excelente escritor, gosta de escrever e sabe contar história como ninguém. Por que está patinando em cima das teclas do computador?

Em resposta, Henrique contou uma ladainha. Dissera que sequer entendia a razão do hiato mental. Simplesmente não conseguia escrever nada que gostasse sobre o tema proposto.

Oscar ficou curioso e perguntou:

— Quer dizer que há um tema? E, rindo, completou. Mas aí é mais fácil, tem por onde partir, começar. E concluiu: — Que raio de tema é esse que te paralisou?

Henrique contou-lhe que não sabia explicar o motivo de a escrita não deslanchar, simplesmente não estava gostando das ideias que surgiam. Por cinco vezes tentou trilhar um caminho para a sua história, mas no meio dele sentia que não era o que queria contar e voltava para a estaca zero. Foi quando impaciente, Oscar disse:

— Mas Henrique, conte-me logo: Que tema é esse?

Rindo encabulado, respondeu que concordava que o tema era fácil, mas reforçou que encontrar a história certa estava difícil. Em seguida esclareceu que o assunto do artigo era: “O mistério de cada um”. Oscar ouvia-o e depois de alguns segundos disse:

— Penso que tenho a solução perfeita! E foi logo explicando...

E resumindo contou ao amigo o que se passara no dia anterior. Havia lido sobre uma história real que seria gravada para um documentário.

— Henrique, mas não lhe contarei. Vou apenas dar-lhe um nome. Trate de pesquisar hoje à noite e amanhã use todo o domingo para escrever essa história. Assim, na segunda-feira estará livre para o nosso encontro. E

deixou no ar o nome de Ná Agontimé. E, antes de se despedir intimou:

— Não quero desculpa. Na segunda-feira te espero às 20h no lugar de sempre.

O sábado estava escurecendo e Henrique decidiu seguir a dica do amigo. Entrou no computador e pulando de texto em texto, de informação em informação, foi descobrindo a história de Ná Agontimé. No domingo levantou cedo para escrever o mistério que envolvia esta personagem de quem até então nunca ouvira falar.

Ao contrário de suas tentativas anteriores, desta vez a escrita fluiu com facilidade, as frases iam nascendo e o enredo sendo contado e, o mais importante, ele estava feliz com o resultado que estava obtendo.

Contrariando sua forma de escrever, desta vez decidiu começar pelo título, que até então era uma missão final. Mas lá estava em negrito a pequena frase: A misteriosa Ná Agontimé. E a história foi tomando forma e arrancando-lhe um sorriso do canto da boca.

A primeira lembrança que lhe veio à mente foi um trecho que sempre lhe chamara a atenção no poema Navio Negroiro, do poeta Castro Alves:

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

O poema escrito em 1868 vinha a calhar para abrir-lhe a mente e contar a história de Ná Agontimé que, retirada do seu convívio africano, fora jogada dentro de um navio para, depois de intermináveis dias e noites, chegar a São Luís do Maranhão, no Brasil.

Ná passou a fazer parte de um contingente imenso de

africanos aprisionados e forçados a viver de forma escrava em outro continente. Ná foi uma pessoa a mais entre os 12,5 milhões de indivíduos escravizados no período de 1525 e 1866.

Henrique se pôs a pensar no sofrimento daquela mulher enquanto lia a informação de que “No navio eram mantidos nus, separados por sexo e os homens permaneciam acorrentados a fim de evitar revoltas. Já as mulheres, sofriam violência sexual por parte da tripulação”. E tudo isso por mais de dois meses de viagem.

Quando, em 1797, ela foi levada para o cais e vendida a um fazendeiro pela melhor oferta, ninguém conhecia seu passado, sua história. Ela trazia um mistério que só seria desvendado anos depois.

Sua história é narrada nos registros da Casa de Minas, onde a nação de Candomblé Jeje, com sede no Maranhão, ainda é muito forte. Historiadores apontam que “o nome Ná Agontimé representa muito para o povo negro que viveu a experiência da diáspora no mundo, e, especialmente, no Brasil”.

Nasceu no vilarejo Tendji, localizado no reino do Dahomé, no século XVIII. Era uma das oito esposas do rei Agonglo. Foi mãe por volta dos 20 anos ao dar luz ao príncipe Gakpe. O rei Agonglo elegeu para sucedê-lo seu filho com Agontimé, Gakpe, ainda um menino.

A morte precoce de Agonglo aos 31 anos trouxe instabilidade ao reino com a subida ao trono do outro filho, Adandozan, mesmo contra a vontade do pai. O novo rei, temendo uma reação à traição de seu irmão, vendeu sua madrasta, Ná Agontimé, como escrava para um traficante, a quem deu ordens de rebatizá-la a fim de que não fosse encontrada jamais.

Tudo se modificou em 1818, quando Gakpe, já conhecido como Ghezo, retornou ao Dahomé, prendeu seu irmão e assumiu o trono do reino. Seu primeiro ato foi enviar expedições em busca de sua mãe pelas Américas.

Relatos históricos apontam que ela, chegando ao Brasil, recebeu o nome de Maria Jesuína.

É reconhecida pelos seus conterrâneos, também escravos, que a veem como sua rainha. Conseguindo dinheiro para comprar sua liberdade, Ná passa a edificar em terras maranhenses um reino para que seu filho governasse soberanamente. Com esta ação, ela funda o “Querebentã de Zomadunu”, conhecido como Casa das Minas-Jeje, construindo altares, templos e o estilo de vida que tinham na terra natal.

Os súditos enviados pelo rei Ghezo, ao chegarem ao Maranhão, reconheceram os costumes e a linhagem real do Dahomé instaurado em terras brasileiras. Ná Agontime regressa à sua terra natal como mãe do rei e ali vive por longos anos. Ghezo governou de forma soberana seus dois reinos, já que todos os voduns (espíritos ancestrais da tradição Fon), originários da família real do Dahomé, permaneceram no Querebentã, aqui no Brasil.

Maria Jesuína volta a ser chamada Rainha-mãe Ná Agontime e deixa no Maranhão o legado da Casa das Minas, a mais antiga casa africana da nação Jeje.

Henrique conseguiu comprovar a veracidade sobre a elucidação desse mistério, que veio de navio, ao descobrir que o trono de Adandozan, todo esculpido em madeira, foi enviado por Ghezo a D. Pedro I. Hoje esta peça encontra-se exposta no Museu Histórico Nacional.

Satisfeito com seu artigo, Henrique, finalmente coloca o ponto final na história, aproveita o remanescente de seu domingo, e pensa de que forma agradecerá seu amigo durante o tradicional encontro das primeiras segundas-feiras de cada mês, marcado para acontecer na noite seguinte.

HUMBERTO DOMINGOS PASTORE
Cadeira 19 - Patrono Dom Aquino Correa





Sérgio Augusto Alonso Ballaminut, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 20, cujo patrono é Mário de Andrade. Nasceu em 16 de junho de 1975, em São Caetano do Sul, São Paulo. Bacharel em Administração de Empresas e Especialista em Finanças, diplomou-se, também, em Produção e Gestão Cultural. Foi membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul de 2013 a 2016, tendo atuado, por meio de funções consultivas, deliberativas e normativas, em trabalhos culturais e serviços prestados à historiografia de São Caetano do Sul e da região do Grande ABC. Poeta e escritor, escreve desde 1990, contando com vasto acervo poético. Participou de antologias literárias (A Forja da Liberdade, Paixão e Amor na Literatura, A Árvore da Vida, Best Seller 2004 e Idiossincrasias), livros (Cantos e Recantos e Cúmplices da Poesia) e revistas (Raízes – Números 30 e 47). Publicou cinco livros de poesia: Os Poetas do Meu Canto (2012), Poesia em Quatro Atos (2014), A Flor de Minas e a Janela dos Dias (2015), Alma de Mim (2016) e Fazendeiro do Tempo, Mensageiro do Ar (2020). Escreveu, também, alguns contos, tendo editado um em antologia (Contos Cotidianos).

A FORMIGA QUE VIROU CIGARRA

SÉRGIO AUGUSTO ALONSO BALLAMINUT

Arrogante. Muito arrogante. Arrogante demais. Mas não foi sempre assim. Descaracterizara-se. Tornara-se isso ou o que restou daquilo. Já não se reconhecia no espelho dos dias que, vazios, denunciavam a fome de inverno da cigarra cantora desatenta.

Preconceituoso ao extremo, não falava com pobre, tampouco com preto. Sequer se aproximava ou permitia sua aproximação. Homossexualismo, então, nem se fale! Abominava. Dotado de mente demasiado lógica, simplesmente não lhe fazia sentido alguma tal opção sexual. Não conseguia compreender o prazer inerente a ela.

Filho único de família abastada, recebia toda sorte de mimos e carinhos. Tinha toda a atenção voltada a si, embora nem sempre soubesse dar a isso o devido valor.

A despeito de sua postura, amava seus pais, com quem sempre convivera bem. Mas, dono de temperamento forte e de extrema impulsividade, acabava por ofendê-los vez por outra.

Desde pequeno, dava mostras de seu gênio difícil. Era ciumento. Não deixava que ninguém se aproximasse daquilo e daqueles que eram “seus”.

Com o passar dos anos, Maurício – ou Mau, como lhe chamavam os pais – foi tomando consciência das coisas e das pessoas ao seu redor. Como não fosse querido na escola, era sempre alvo de deboche e menosprezo dos colegas. Rejeição. Era isso o que sentia e que inconscientemente fazia, pouco a pouco, em seu fundo, engendrar o individualismo que levaria, mais tarde, ao caos do seu mundo.

E, nas rodas do tempo veloz, a criança intransigente foi crescendo adolescente.

Os dias se passavam melancólicos. Maurício já não conseguia ter prazer com nada. Ou quase nada. Somente as aulas de Artes conseguiam fazê-lo despertar um pouco daquele estado letárgico.

Dona Nilma, por quem todos os alunos – e Maurício, em especial – nutriam muito carinho, era, além de excelente professora, grande motivadora. Incentivava-os a criar. À caneta, canetinha, giz de cera, pincel... tanto fazia. O que importava era o ato da criação em si, a descrição fria de tinta em folha branca fazendo aflorar, além da mais tenra criatividade, os mais nobres e intensos sentimentos.

Foi assim que Mauricinho – como ela o chamava – começou a escrever e não parou mais. Sentia-se bem quando o fazia. A escrita era o amigo que não tinha e com quem podia desabafar a qualquer hora. Mesmo assim, assombrado pelos fantasmas da mente, já não conseguia se aceitar muito bem. Não conversava com ninguém. Vivendo isolado, com pensamentos só seus. Criou uma barreira ao seu redor. Autodefesa, talvez. Melhor que fosse a

intenção, qualquer pessoa que se aproximasse dele representava-lhe sempre uma ameaça iminente.

E, como se não lhe bastasse todo o aço do presente, o destino, cruel mensageiro, trar-lhe-ia uma surpresa de chumbo num futuro não muito distante.

O tempo foi passando algoz. Maurício contava agora 22 anos. cursava o penúltimo ano do curso de Letras em renomada instituição. Estava contente com as aulas e os professores que tinha; entretanto, cada vez mais introspectivo, era-lhe por demais pesaroso enfrentar as situações sociais do dia-a-dia acadêmico.

Manhã de quarta-feira. Dia frio e garoento. O vento forte trazia notícia. Após chegar à faculdade, já em sala, Maurício foi informado de que não teria as últimas aulas. O professor, por conta de um imprevisto, não poderia ir. Portanto, sairia mais cedo aquele dia.

Eram dez horas quando chegou em casa. Não havia ninguém. À vista, pelo menos. Sua mãe, que começara a remexer um velho baú esquecido no sótão, percebendo a presença de alguém, mais que depressa abaixou a tampa e desceu.

Ao fazer a curva depois da escada, Dona Laura quase topou com Maurício que, percebendo nela certa exaltação e observando a mancha de poeira sobre a camiseta preta que usava, perguntou se estava tudo bem. Sem, contudo, convencê-lo, mas achando que sim, respondeu-lhe afirmativamente. E iniciaram um básico diálogo rotineiro. Mas o martelo da curiosidade não parava de golpear o prego da cabeça do jovem.

Os minutos passaram horas. E os elétrons do pensamento continuavam a agitar o átomo da dúvida. Na primeira oportunidade, sairia em busca de respostas.

Por cautela, preferiu agir o quanto antes para minimizar o tempo de ação da “adversária”. Sabia que o ataque

era, estrategicamente, a melhor defesa.

Sábado! Era isso! Seus pais teriam um casamento de amigos, seguido de recepção, ao qual obviamente ele não iria. Dia perfeito para a sua investida. Estava decidido.

Entre o medo do que poderia descobrir e a ansiedade de fazê-lo, a sexta-feira transcorreu agitada para Maurício, que só tinha atenção para o dia seguinte.

Dia “D”. Seis horas da tarde. Prontos e exuberantes, o Sr. e a Sra. Fratelli deixaram sua residência rumo à igreja onde dar-se-iam as ditas bodas. A área estava limpa. Hora de agir.

Bem – pôs-se a cogitar –, se encontrei minha mãe próximo da escada, e eu estava subindo, certamente ela desceu, e se tinha pó na roupa, provavelmente... do sótão. É isso! O sótão!

Imediatamente subiu. Entretanto, para a sua surpresa, a porta estava trancada. Como entraria? Se pelo menos soubesse onde sua mãe guardava a chave... Procuraria no quarto dela. Talvez estivesse lá. Fez a busca. Olha daqui, olha dali... Nada. Frustrado, resolveu tentar um grampo de cabelo. Se em filme dá certo, por que não haveria de conseguir? – pensou. Fez a tentativa. Em vão. Já estava nervoso. Embora tivesse tempo de sobra, não queria, em hipótese alguma, dar asas ao azar. Decidiu-se por experimentar uma faca. Foi à cozinha pegá-la. Escolheu a mais fina e pontiaguda. Haveria de funcionar. Vira daqui, vira dali... e nada de abrir. Nova frustração. Muito irritado, socou a porta com toda a fúria. Depois, desacomodado, sentou-se e pôs-se a refletir. Precisava ter outra ideia. Uma chave de fenda! Sim, claro! Poderia dar certo! E deu. Quero dizer, não exatamente. Como não conseguisse destrancar a fechadura, desmontou-a. E adentrou, por fim, o ansioso ambiente.

Parou. Espreitou. No pequeno quarto, esquecido em

um canto, figurava empoeirado um velho baú de madeira maciça o qual jamais vira. Aproximou-se e pensou: se existe algum mistério, certamente aqui é que mora!

Tentou abrir o robusto, mas não muito grande baú que, assim como a porta, estava trancado. Ah, não! – pensou. Vai começar tudo de novo! Sem hesitar, contudo, valeu-se da experiência recém-adquirida e pôs-se a enfrentar o inimigo com “espada” de fenda. O duelo durou pouco. A vitória de Maurício era certa.

No antigo “cofre” de madeira, muitas relíquias. Fotos, cartas, postais, objetos e... documentos?! É, pareciam documentos! Estavam dentro de uma pasta. Amarelados pelo tempo, registros de imóveis, certidões de todo tipo e... um Termo de Adoção. Termo de Adoção? Maurício teve medo. Quase caiu pra trás. Mas como o show não começa enquanto não se abrem as cortinas, foi em frente. Leu e se surpreendeu. A ficha, como se diz, havia caído. Não conseguia acreditar. Foi adotado e nunca soubera. Mas... por que seus pais não lhe teriam contado? E entre a dúvida que lhe invadira a alma e a revolta que se lhe instalara no coração, foi ficando cada vez mais desolado, perdendo pouco a pouco o pouco chão. Precisava de respostas. Aguardaria a chegada de Dona Laura e Seu Júlio. Tinha muito que conversar com aqueles dois.

Desceu para a sala com o documento, deitou-se no sofá e por ali ficou. Eram nove horas. Seus olhos olhavam para nada. Sua alma sofria com tudo. Totalmente perdido: era assim que se sentia.

Bastante tempo depois, o casal Fratelli finalmente chegou. Seu Júlio, que muito se divertira na festa, dirigiu-se direto à sua suíte. Estava muito cansado. Não tinha mais forças pra nada.

Maurício, percebendo a aproximação da “mãe”, já se colocara a postos, deitado que estava ainda.

– Oi, filho!

– Como filho, se eu sou adotado? – gritou, exibindo o fatídico Termo.

Dona Laura perdeu a pouca cor que tinha. Ficou pálida de um pálido muito pálido. Voz embargada, mal conseguia falar. Mas tinha de ser mais forte que a inércia daquele momento há tanto previsto e tão evitado:

– Filho, desculpe-me por nunca...

– Responde logo! – gritou em prantos.

– Filho... – a voz embargou de novo. Convulsionada, tentou abraçar-lhe, no que foi automática e fortemente repelida.

Tentou expor-lhe, em longa conversa, toda a situação. De nada adiantou, entretanto. Atingido pela bala perdida da angústia da hora, Maurício não tinha ouvidos de ouvir.

No aço do corte fundo a acontecer, o destino, fiel lavrador de sinas, semeava a árvore das fatais mudanças no desvão daquele ser.

Em virtude das circunstâncias, complexado que já era, Maurício ficaria ainda mais. Muito mais. A não ser que...

Sentia-se agora um intruso em seu próprio lar. Não poderia mais ficar ali. Num impulso, decidiu-se. Àquela noite mesmo, às escondidas, saiu de casa sem rumo certo, tamanho o tormento que a descoberta recente lhe imprimira.

No dia seguinte, os homens da polícia puseram-se ao seu encaço. Em vão. Impotente para suportar na alma a cruz que lhe impusera a vida, fora para nunca mais. Acharam-no a poucos quilômetros de casa, pendurado pelo pescoço em rijo galho de alta árvore. O peso da barra o havia enforcado.

E, em meio a todas as amarras, a longínqua formi-

ga de um dia transformou-se na fatídica cigarra que, resistindo o quanto pôde, cantou, por fim, seu derradeiro acorde. E secou.

SÉRGIO AUGUSTO ALONSO BALLAMINUT
Cadeira 20 – Patrono Mário de Andrade





O DRAMA DO GOLEIRO DIANTE DO PÊNALTI

GONÇALO JUNIOR

Gonçalo Junior, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 21, cujo patrono é José Lins do Rego. Nasceu em Guanambi, Bahia. Jornalista com formação em direito. Trabalhou e colaborou em veículos de imprensa como Gazeta Mercantil, Diário de São Paulo, Trip, Folha de São Paulo, Entrelivros, Imprensa, Carta Capital, Bravo! Piauí e outras. É autor de 40 livros, publicados por editoras como Companhia das Letras, Planeta, Civilização Brasileira, Ediouro, Conrad, Manole, Opera Graphica etc. É editor e proprietário da Editora Noir.

Não tenho muito tempo para pensar em que a minha vida vai se transformar nos próximos dez segundos, assim que o atacante chutar a bola para o gol. Tudo vai acontecer rápido demais, em fração de pensamentos, tão logo o árbitro autorize a cobrança. Ambos estão posicionados. Preciso resguardar uma área com 7,32 metros de largura e 2,44 metros de altura. Exatos 9,15 metros nos separam. Quanto tempo tenho até que ele parta para a bola? A décima parte de um minuto? Pois é nesse período que a vida passa por minha mente. É uma sensação de imensa velocidade. Como um acidente grave de carro descontrolado ou a queda de um avião. Até mesmo o desequilíbrio do alto de uma escada quando se arruma livros, que pode matar.

Ainda mais hoje, quando o jogo está empatado e faltam apenas dois minutos da prorrogação para sermos campeões. Ou não. Para muitos, como qualquer

goleiro, vivo um instante de comodidade. Por mais contraditório que pareça, as minhas chances são pequenas, mesmo com a reputação que construí na minha já longa carreira e na posição de veterano em que me encontro. Peguei mais de duas centenas de pênaltis, mas, justamente hoje, quando mais preciso repetir a façanha, sou tomado de medo, de pânico. Pode ser a última vez que faço isso. Não vão me chamar mais, isso é claro. Um país inteiro está sobre minhas costas nos próximos segundos. De mim dependerá um bom dia para milhões de compatriotas amanhã, que vão dormir felizes hoje por minha causa. E se eu fracassar?

Todos dizem que para um goleiro, o que vier é lucro na batida de um pênalti. Não, não é bem assim. Se por todo o meu país, milhões esperam ansiosamente para que eu defenda a bola, outros milhões de adversários torcem para que isso não aconteça. Querem a minha desgraça, o meu fim. Está lá um corpo estendido no chão, diriam. O meu corpo aniquilado pelo tiro de uma bola. Pois bem. Eu tenho que pegar a bola. Preciso fortalecer isso na minha mente. Sei que existem coisas que posso fazer a meu favor. Como encarar o batedor nos olhos e tentar intimidá-lo com minha suposta confiança. E se ele achar que eu estou fraquejando?

Sei de outro truque. Se ele vier só de olho na bola, sem prestar atenção no meu posicionamento, minhas chances aumentam de ele chutar para fora. Há um ponto de equilíbrio aí que parece anular meu drama. Enquanto o adversário caminha para me fulminar, toda a minha vida volta a passar pela segunda vez, como fotografias na velocidade da luz, mas que eu consigo ver em cada momento, um a um, como em câmera lenta.

A memória, tenho certeza, não acompanha o tempo físico, a piscadela de um olho. E tento me lembrar de situações tão difíceis que superei, como agora, e nenhuma vem à mente. E tudo se embaralha e se perde. Mais uma vez, vem o instinto: eu daria qualquer coisa que vivi no passado para pegar essa bola.

Como em diversos momentos da vida, minha glória é a desgraça do outro, no chute para fora, na trave ou fraco o suficiente para que eu a alcance. Ou que eu caia exatamente no canto onde ele vai bater. Estou decidido, dessa vez, a apostar que meu adversário chutará no centro e não vou me jogar em um dos cantos. Ou devo mesmo fazer isso? O vexame pode ser maior. Preciso me jogar na luta, em busca da bola e isso não se discute mais. Vivo o egoísmo máximo, quero a vitória, quero o triunfo. Estou aqui como em uma guerra, pelo meu país. Penso que o inimigo terá outras oportunidades para ganhar campeonatos e eu estou no fim, na minha última temporada.

Eu bem poderia pedir a ele essa clemência, essa piedade. De nada adiantará, concluo. Sinto que jamais teria misericórdia de mim. Seu olhar implacável me intimida. E não eu a ele. Sua confiança é gritante, lembra os duelos ao pôr do sol nos filmes de faroeste, em que o herói decide atirar na mosca que pousou sobre o nariz do vilão. Não é ele que o mocinho quer. Sua vida nada vale mais. Ele deseja matar a mosca. E eu sou a mosca, que luta desarmada. Eu tenho as mãos e os pés. Ele tem a bola. Sem chance. É a mesma intimidação no modo de encarar olho no olho o lutador de boxe antes da luta. Ele não está preocupado comigo do mesmo modo que o carrasco da guilhotina segundo antes de executar seu trabalho.

Falta-lhe pena, dó, amor ao próximo, a um velho goleiro em fim de carreira, em sua última disputa de título. A minha derrocada será a sua consagração, contratos milionários, vida confortável para várias gerações de sua família. Nada disso aparece quando ele coloca as duas mãos na cintura e enrijece a perna. Está pronto para correr em minha direção. Como gostaria de fazer meu último pedido para que ele erre, como um condenado à morte que quer comer uma última refeição especial. Olho para o Céu e tento pedir ajuda a Deus, esse ser fantástico que eu ignorei e desdenhei a vida toda.

Se ele perder a cobrança para me ajudar em sua grandiosidade humanista, ninguém saberá da nobreza do seu gesto. Os colegas não o perdoarão. E seus feitos do passado sumirão como em um toque de magia. O que dizer da imensa massa de torcedores patricios que vão amaldiçoá-lo até o fim dos tempos? “Eu fiz porque ele queria ter uma última alegria.” – Esperaria que eu confirmasse. Não poderia traí-lo, só mostrar humildemente minha gratidão. Não, o atacante vive do gol, jamais poderia me atender.

A responsabilidade em suas pernas e mente é imensa, ele tem que me destruir para seguir em frente e com altivez. Até aqui, cinco segundos se passaram. De repente, sou tomado de uma força incomensurável, uma disposição alucinante e confiante de pegar aquela bola. Por fim, o juiz apita e ele parte para a bola, decidido, em minha direção. Corre muito, em disparada. Ou ele ou eu. E parto para cima da bola como o último soldado da trincheira, como quem não come há cinco dias e vê um pedaço de pão. Porque futebol é assim para os fortes. É vida ou morte. Só um sobreviverá

nesse duelo que se tornou a vida para mim.

E nada mais importa quando sua chuteira bate firme na bola.

GONÇALO JUNIOR

Cadeira 21 – Patrono José Lins do Rego





Alcidéa Miguel de Souza, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 25, cujo patrono é Vinícius de Moraes e da Academia de Letras e Arte de Praia Grande, ocupa a Cadeira 16, cujo patrono é Cecília Meireles. Nasceu em Vitória – ES, em 1962. Casada, três filhos. Educação Artística pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Licenciatura Plena em Música e História da Arte. Professora de Educação Infantil e Ensino Médio. Pós graduada em Arte, Educação e Cultura. Estudou na Fundação das Artes em São Caetano do Sul — São Paulo —, saxofonista formada por esta instituição. Formada em regência, violão, violino e canto. É conferencista, ministra palestras sobre temas que abrangem artes e música. Contadora de histórias e escritora. É autora dos livros: Ainda há tempo para a esperança; Ser Mulher; Um amor feito tatuagem, Sampa, Eu também chorei na escola; Cadernos Negros e O artista é você e participou de vinte e cinco antologias, no Brasil e Portugal.

A SEMEADURA E O RETORNO

ALCIDÉA MIGUEL

— **A**gora que papai morreu, ficarei morando com a senhora, mãe! Você está com 87 anos. Seremos companheiras fiéis, hein!
— confortou Stela.

Solteira, 41 anos, era a terceira filha entre cinco irmãos. Professora em escola estadual em Ribeirão Pires-SP. Tinha um dogue alemão chamado Rock, companheiro e meigo. Gostava de passear com ele após as aulas, ocasião em que se encontrava com o namorado Roberto, dois anos mais velho, engenheiro e dono de um pastor-alemão chamado Ed.

Dez anos de namoro. Decisão de casarem-se, nenhuma. A data sempre adiada. Stela questionava o namorado:

— Será que neste ano conseguiremos nos casar?

— Ainda não, querida! Temos os nossos velhos para cuidar. Você tem sua mãe com problemas da memória; meu pai, apesar de saudável e gostar de dançar, tem 83 anos e é hipertenso. Infelizmente já não tenho minha mãe, e meu único irmão mora longe. Eles precisam de atenção integral. Teremos ainda muito tempo para nós. Que tal ano que vem?

— Amor, o tempo está passando rápido. Precisamos ter a nossa casa e filhos.

— Não aguento mais esperar, Roberto.

Ambos eram responsáveis pelos pais, cães e casas. Além disso, Roberto tinha uma vizinha, dona Neuma, com 92 anos, que morava sozinha. Sua casa era muito bonita e agradável. Cor de goiaba, construída nos fundos do terreno. Na frente, um lindo jardim e, nele, graciosa piscina ladeada por árvores ornamentadas com redes para se balançar, casinhas de bonecas, uma verdadeira casa da vovó! Todos encantavam-se. Um sonho de moradia, no bairro de Perdizes, na capital paulista.

De vez em quando, a senhorinha pegava uma varinha para espantar a garotada traquina, que pulava o portão para nadar na piscina sem o consentimento dela. A cena era bem engraçada! Dona Neuma recebia os filhos e netos somente duas vezes por ano: nos natais e festas juninas. Em certas horas do dia convivía com alguns funcionários, como faxineira, jardineiro, mas era solitária e triste. Cheia de recordações do passado da infância dos filhos. Era a moradora mais antiga do bairro. Sua casa, ladeada por um muro baixo, se comunicava com a de seu melhor amigo de juventude, seu Nelson, pai de Roberto. Conhecia o seu filho desde bebê. Tinha confiança neles, por isso os chamava para tudo. Quando sentia medo, sinalizava com um grito. Se doesse o joelho, então! Ah, chorava com vontade, pedindo-lhes que a levasse ao médico.

Às vezes, Stela e ele namorando, escutavam chamar do muro:

— Robertinho, venha aqui! Vem, menino!

— Já estou indo! Espere, calma.

— Ah, não amor! De novo essa senhorinha nos atrapalhando? Ela não tem filhos para ajudá-la, não? Desse jeito já é demais, não é, amor?

— Tenha paciência, Stela! Ela só tem a mim para ajudá-la!

E logo saía para atendê-la. Isso ocorria constantemente, ele sempre pronto para socorrê-la, paciente...

Seu pai era tranquilo, independente e não lhe dava preocupação. Gostava de ir ao baile da terceira idade.

Dona Neuma, porém, não deixava o casal namorar em paz, sempre interrompendo:

— Robertinho, eu estou com uma dor na nuca, acho que minha pressão está alta. Você pode vir aferir para mim?

— Sim, estou indo. Sente-se para descansar, chegarei em poucos minutos.

— Amor, quer saber? Não virei mais namorar em sua casa. O melhor será você ir à minha. Essa senhorinha não nos dá sossego! Você tem que aprender dizer “não” para ela.

— Não tenho coragem de negar-lhe favores. E se fosse minha mãe que morasse sozinha e algum vizinho negasse socorro para ela? Não posso fazer isso, Stela! Irei atendê-la. Mamãe sempre me dizia para eu não negar ajuda a ninguém... Venha comigo.

E assim agia. Sempre a acudia.

Quando chegaram à casa de dona Neuma, verificaram que, mais uma vez, ela estava com a pressão alta. Eles a levaram ao hospital e a acompanharam até findar a medicação, mas sempre ao som das reclamações de Stela, querendo mais atenção de Roberto.

Voltaram com ela para casa já de madrugada. Sentiam-se exaustos. Roberto de nada reclamava. Sempre com muito amor, paciência e dedicação. Alguns dias depois, Stela foi namorar na casa dele e lá permaneceu por muitas horas. Algo diferente ocorreu naquele dia: um silêncio pairava do outro lado do muro. Que milagre! Dona Neuma nada pediu a Roberto.

— Ufa! Roberto, que paz hoje nesta casa! Dona Neuma não chamou, nem reclamou. Ah, meu amor, se fosse assim sempre, seria uma maravilha.

Que tranquilidade quando ela está com a boca fechada!

Dia seguinte, manhã de sábado, o silêncio foi interrompido pelo grito de pânico.

— Socorro! Salvem a vovozinha!

Correram para ver o que havia acontecido. Ao chegarem, depararam-se com a triste cena. A senhorinha estava com o corpo endurecido, sobre o sofá; um pote de sorvete, derretido, nas mãos. Havia sofrido um infarto fatal. A faxineira descontrolada.

Roberto, em lágrimas, amargurado, balançava o corpo gritando:

— Acorda, dona Neuma! Levanta!

Chorava deitado sobre o corpo sem vida... Amava aquela senhorinha e lembrava-se do dia em que, aos 12 anos, perdera a mãe. Já sentia falta dela o chamando carinhosamente para tratar das suas necessidades.

Não houve jeito. Ela já estava morta. O pranto se ouvia de longe e os vizinhos presentes lamentavam a perda.

Em seu funeral, o casal ofertou-lhe uma coroa de flores, colocando em suas mãos um terço de prata. Roberto, chorando, disse:

— Mais tempo eu tivesse, mais tempo eu lhe daria.

Dias depois, Roberto se surpreendeu ao ser convocado pelo advogado para comparecer à leitura do testamento da falecida. No decorrer da leitura, seus ouvidos conferiram e seus olhos esbugalharam de admiração! Dona Neuma deixara para ele uma valiosa herança como recompensa por sua dedicação e carinho: o seu mais luxuoso apartamento na praia do Guarujá, litoral de São Paulo. Uma cobertura de 140 m² de frente para o mar.

Esse é para Robertinho, com muito amor — leu o advogado.

Surpresos com a herança deixada, Roberto e Stela choraram de emoção pelo zelo e reconhecimento da tão amável e frágil vizinha. Um presente inesperado para quem sempre fez o bem, sem olhar a quem.

Roberto amou dona Neuma sem interesse. Amor benigno, paciente, verdadeiro, que tudo suportou.

Stela ficou pensativa sobre o gesto da vizinha falecida. Exaltou a atitude do noivo, que sem medida abençoou o

caminho de alguém...

Roberto sempre deu seu melhor sorriso, alegrou os entristecidos, reagiu às ofensas com muito amor e naquele dia era agraciado com tal reconhecimento. Stela sentia-se envergonhada pelas suas atitudes egoístas, mas, por outro lado, desafiada a mudar o seu estilo de vida. Naquele dia aprendeu que, diante da prática do bem, a vida lhe é recíproca.

ALCIDÉA MIGUEL

Cadeira 25 - Patrono Vinicius de Moraes





Eva Bueno Marques, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa, a Cadeira 26, cujo patrono é Cecília Meireles, desde junho de 1983. Nasceu em Conceição da Aparecida-MG. Farmacêutica pela Escola Federal de Farmácia e Odontologia de Alfenas — MG. Aposentada pelo Banco do Brasil. Fez vários cursos de Literatura, participou do Seminário sobre os cem anos de nascimento de Cecília Meireles, em 2001, na USP, com a filha e a neta da poetisa. Mestre de Cerimônia em vários eventos. Declamadora, se apresentou em dois recitais de poesia na cidade de São Caetano do Sul em 1994 e 2005. Artigos publicados em Antologias e Revista *Raízes* da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, onde é membro do Conselho Diretor desde 1997. Artigos publicados na Revistas *Tamises* da Algrasp. Trabalhos publicados em jornais da região e de cidades do Estado de Minas Gerais. Escreveu vários prefácios e orelhas de livros lançados por escritores da cidade e de outros municípios. Membro suplente do Conselho Municipal de Cultura do município, na área de Literatura.

A ENTRONIZAÇÃO DE SÃO FRANCISCO

EVA BUENO MARQUES

No início da década de sessenta do século passado, estava como pároco naquela cidade do interior de Minas um jovem dinâmico, idealista, Padre Marcelo Soares da Cunha, que se tornou amigo de todos e conhecia cada um pelo nome, o que não era difícil, porque a cidade era pequena e todos frequentavam a igreja, indo assistir às suas missas e participando de todas as liturgias, reverenciando sempre a padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo. Dona Alice pertencia à equipe das alfaías litúrgicas e estava sempre na igreja auxiliando Dona Eleonora que era a responsável por manter impecáveis todas as vestimentas usadas pelo padre nas celebrações e também fora da igreja, no dia a dia, pois naquela época, era costume ver os padres pelas ruas usando sempre batinas.

Com o passar dos anos, o vigário tornou-se um membro de cada família, sentindo-se tão em casa, e adotou a cidade como sua também. Com o seu dinamismo, dizia

que quando fosse transferido pelo bispo para outra localidade, gostaria de ser lembrado com carinho e pelo bom trabalho deixado no município. Queria sempre uma inovação para a comunidade. E, depois de algum tempo, uma ideia veio à sua mente, construir uma igreja nova no lugar da antiga, que tinha um século de existência. Acabou por colocá-la em prática, com o apoio dos paroquianos, diante do seu grande poder de persuasão. Houve opiniões contrárias, de pessoas mais conservadoras que tinham a Matriz como patrimônio intocável, pois a construção antiga fora feita nos moldes das grandes edificações da Europa, idealizada pelos párocos anteriores que por lá haviam passado, de ascendências espanhola, francesa e portuguesa. Até hoje, há quem lastime o fim de uma preciosidade. Mas a maioria deu o seu aval e a igreja começaria logo a ser demolida para a construção de uma outra, moderna e com ares do novo século.

As primeiras providências para o início da demolição seria a desocupação do templo, de todas as obras sacras, algumas barrocas, o mobiliário, órgão, cortinas, altares, enfim, para que ficasse totalmente vazio para o início dos trabalhos. E as imagens dos santos? Claro, teria o padre que dar um destino seguro a cada uma delas. Escolheu entre os moradores aqueles que eram frequentadores assíduos da igreja e as pessoas que, voluntariamente, trabalhavam nas equipes de suporte da comunidade: Dona Alice, que enviudara havia pouco, com duas filhas menores (Iracema, com quatorze anos; e Fátima, com quatro), sempre na igreja auxiliando a equipe das alfaias, foi uma das escolhidas para agasalhar uma imagem, todo o tempo que durasse a demolição e reconstrução do novo templo.

No final de uma missa, previamente agendada, foi realizado o sorteio das imagens. O padre dizia o nome da

imagem e tirava de uma sacolinha um papel com o nome da pessoa que ficaria responsável por ela. Quando anunciou a imagem de São Francisco de Assis, o papelzinho tirado foi Dona Alice Marques. Uma alegria saber que São Francisco iria morar em sua casa por algum tempo.

Foi marcada uma procissão, onde seria feita a entrega de todas as imagens nas casas sorteadas. O responsável pela residência iria levando a imagem durante a procissão e quando passasse em frente à sua residência, deixaria o cortejo e entraria em casa com a imagem.

E assim, nossa premiada preparou com muito carinho e esmero um altazinho com vela e flores ladeando o querido hóspede, para quem rezava todas as noites e pedia a bênção para a vida de sua família, com as graças da saúde e da paz. Às refeições, repetia: “São Francisco de Assis, pai e mãe da pobreza, dai-nos hoje e amanhã para pôr nesta mesa”.

O protegido e protetor Francisco passou a fazer parte da família daquelas três mulheres. Dedicaram a ele muito amor e respeito por todo aquele tempo. A vida do santo, que procuraram conhecer melhor, trouxe-lhes belos exemplos de vida.

As obras da igreja tiveram início e muitos leilões, rifas, almoços foram realizados para angariar fundos para a vultosa despesa da obra. No colégio das freiras, onde Iracema estudava, as alunas e mães ajudavam como podiam. Cada dia, duas alunas eram encarregadas de levar salgadinhos para vender no recreio, e a renda era revertida para as obras da igreja. Inúmeras vezes, Dona Alice fazia rissoles (salgadinho de massa cozida, em formato de meia lua, recheado, empanado e frito), para Iracema vender no recreio, em colaboração com a causa, que foi demorada e difícil pelo tamanho avantajado da construção. Mas o povo não desanimava e ia assistir às missas

na capela do colégio das freiras, cedida para substituir a matriz em reforma. As espórtulas tão necessárias ampliaram os valores.

Assim foram vivendo por quase dois anos, ao fim dos quais Iracema, filha de Dona Alice, concluiria o curso ginasial.

Tendo em vista a dificuldade financeira daquela mãe tão devotada, sozinha e com duas filhas sob sua responsabilidade, e a negativa de uma bolsa de estudos no colégio onde Iracema estudava, não tiveram outra escolha a não ser se mudarem para outra cidade, onde a menina cursaria o normal (magistério), com uma bolsa de estudos conseguida por seu tio, que lá residia e segundo ela, com a intercessão de São Francisco, para quem ela pedia insistentemente a graça de conseguir formar a filha.

Mas... e o querido Santo? Como se separar dele, já que não podiam levá-lo para outra cidade? Por uma causa justa, teriam que confiá-lo a alguém. Teve Dona Alice, então, a ideia de deixá-lo sob a responsabilidade de casal amigo, Lúcia e Seu Toninho, como era conhecido, seus vizinhos, donos da venda em frente à sua casa. Ambos se prontificaram com muita alegria e emoção a zelar pela imagem e devolvê-la na igreja, quando a obra estivesse concluída e chegasse o momento do recolhimento ao seu lugar definitivo.

Foi assim que, com muita tristeza, a família Marques se despediu do santinho querido, sabendo que ele a acompanharia aonde quer que fosse e continuaria a lhe proteger sempre.

Chegaram a voltar uma vez à cidade, depois que se mudaram, para visitar a imagem tão valiosa que haviam deixado na casa dos vizinhos. Foi numa dessas visitas que souberam que o amigo estava com um sério problema na perna e caminhando com dificuldade, com o auxílio de

uma bengala, sempre apoiado em um familiar. Ficaram tristes com a notícia e disseram a ele que pedisse com fé a graça da cura para o seu hóspede, São Francisco.

Por alguns anos, Dona Alice e as filhas não voltaram em sua cidade natal, envolvidas com os compromissos de trabalho e estudos, e não tiveram mais notícias do que acontecia por lá. Até que um dia, Dona Alice precisou visitar uma tia que se encontrava doente. Foi então que ficou sabendo dos acontecimentos em relação à inauguração da igreja nova e de como ocorreu a emocionante devolução da linda imagem de São Francisco.

Por estar Seu Toninho adoentado, com muita dificuldade para andar, deixaram de frequentar as missas e não souberam da data marcada para a devolução oficial de todas as imagens à igreja. E o nicho de São Francisco continuava vazio. Como tinha passado muito tempo, o padre havia se esquecido que Dona Alice lhe comunicara sobre a transferência da imagem para o vizinho, em virtude de sua mudança para outra cidade.

Disseram que o padre começou a anunciar nas missas pedindo a quem estivesse com a imagem de São Francisco que se manifestasse para que fosse devolvida. Até que uma pessoa que sabia do paradeiro do santo e estava na missa foi logo à casa do casal levar o recado.

Descoberta a localização da imagem, marcaram um dia, durante uma missa, para que fosse feita a entronização da imagem na igreja nova e completasse, assim, a ocupação de todos os nichos. O casal responsável, com a dificuldade de locomoção do Seu Toninho, conseguiu um carro que o levasse até a igreja, carregando com todo o cuidado a imagem que estivera sob seus cuidados, durante todo aquele tempo. Ele, sempre com o apoio de familiares e da bengala que havia se tornado indispensável para que pudesse caminhar.

A família se posicionou na entrada da igreja para que, quando chegasse o momento, ocorresse a entrada triunfal, com órgão tocando e o povo cantando a Oração de São Francisco.

Quando o coro deu início ao canto “Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz...”, Seu Toninho, segurando firme a imagem com as duas mãos, sem o amparo da esposa e esquecendo a bengala com o filho, começou a entrar pelo corredor, tão emocionado e com tanta fé, que deixou a todos atônitos ao ver, naquela hora, um milagre acontecendo: “Onde houver dúvida, que eu leve a fé...”.

Na verdade, deve ter sido São Francisco que o amparou e fez com que ele caminhasse por conta própria, sem nenhum auxílio. Ele só percebeu que estava sem a bengala quando entregou a imagem ao padre e, só naquela hora, procurou pelo apoio a que estava habituado. Muitas pessoas presentes choraram, inclusive os familiares que o acompanhavam naquela missão religiosa. Que mistério teria acontecido naquele momento? Que força maior, que graça teria vindo do céu? Os enigmas que não conseguimos decifrar nesta vida. Nossa pequenez é muito grande para entendermos as leis divinas e para desvendarmos os mistérios de cada um, que acontecem na face da terra. Só podemos assistir com emoção e lágrimas nos olhos, o restante não compete aos homens.

Por muito tempo, esse acontecimento foi comentado naquela encantadora cidade.

Seu Toninho, ainda viveu por alguns anos e certamente hoje, junto a todos os santos, já deve ter desvendado o mistério que o fez caminhar tão firme e forte até o altar naquele dia, a despeito de toda a sua fragilidade física na época.

E os que caminham aqui na terra, sem entender as coisas do alto, continuam cantando com a fé de que necessitam para esta viagem tão passageira:

“Ó mestre, fazei que eu procure mais
Amar que ser amado.
Pois é dando que se recebe
É perdoando que se é perdoado
E é morrendo que se vive
Para a vida eterna”

EVA BUENO MARQUES
Cadeira 26 – Patrono Cecília Meireles





Roberto de Carvalho – Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 29, cujo patrono é Humberto de Campos. Nasceu no dia 2 de março de 1964, em Liberdade – MG. Em 1977, mudou-se para Angra dos Reis, RJ, onde viveu durante 27 anos. Atualmente vive em São Paulo. Poeta e escritor várias vezes premiados, é membro da Academia Guanabarina de Letras, do Ateneu Angreenense de Letras e Artes e possui dezenas de obras próprias e mediúnicas publicadas pela editora Aliança, Boa Nova, Saraiva, Daya Editorial e Fundação Dorina Nowill. Sua lavra literária engloba poesias, romances, infanto-juvenis, contos e crônicas, com mais de 500 mil livros vendidos até meados de 2019. Por sua atuação no campo literário recebeu as seguintes distinções culturais: Comenda do Médio Cultural Brasil dos Reis, Láurea Cultural Colar de Cunhambebe e Moção de Aplausos pela Câmara Municipal de Angra dos Reis, dentre outros. Por várias vezes compôs a comissão julgadora de concursos literários realizados por diversas instituições culturais.

A TRAVESSIA

ROBERTO DE CARVALHO

Eu era representante comercial de uma distribuidora de produtos alimentícios sediada em Curitiba e me encontrava em viagem pelo interior do estado do Paraná, objetivando ampliar a carteira de clientes da empresa. Quase todos os dias eram centenas de quilômetros percorridos, reuniões cansativas e pernoites em hotéis nem sempre confortáveis o bastante para o descanso necessário.

Cheguei a um bucólico município numa tarde de outono, quando os raios dourados do sol exibiam o que parecia ser um gigantesco incêndio entre as nuvens. Apesar de exausto e um pouco entediado, não me furtei de contemplar aquele lindo espetáculo da natureza, visão que sempre fez aumentar as minhas convicções a respeito da onipresença do nosso Criador. Hospedei-me no único hotel da cidade, um antigo prédio de três andares situado na rua principal e que, apesar de visivelmente antigo, apresentava-se em ótimo estado de conservação e asseio.

Assim que ocupei o quarto, tratei de fazer as anotações referentes às últimas atividades e elenquei as ações agendadas para o dia seguinte: duas ou três visitas comerciais no período da manhã e, finalmente, o retorno à capital após quase um mês distante do lar. Com tudo organizado, tomei um banho relaxante e tirei um cochilo até a hora do jantar.

Por volta das 21 horas, após a refeição noturna que fiz no restaurante do próprio hotel, retornei para o quarto, desejoso de ter uma noite inteira de sono reparador. Entretanto, ao abrir a porta, deparei-me com uma mulher sentada à beira da cama. Ela usava um vestido casual,

sandálias rasteiras, e estava cabisbaixa, com uma longa cabeleira negra a encobrir-lhe o rosto.

— Quem é você? Como entrou aqui? — perguntei resabiado e curioso ao mesmo tempo, segurando a maçaneta, indeciso entre fechar a porta ou deixá-la estrategicamente aberta.

A visitante ergueu a cabeça lentamente e passou a mão direita nos cabelos, jogando-os por sobre o ombro, expondo um rosto jovem e lindo, embora bastante pálido. Seus olhos castanhos, banhados de lágrimas, eram o perfeito retrato do desespero.

— Ajude-me, por favor! — murmurou entre soluços.

— Eu não consigo fazer a travessia sozinha. Tenho muito medo...

Meu coração entrou em um estado de completa euforia e o único sentimento que passou a comandar minhas ações foi o de compaixão diante do apelo desesperado daquela jovem tão bonita, misteriosa e fascinante.

Em movimentos automáticos, aproximei e ajoelhei-me diante dela para que nossos rostos se nivelassem durante o interrogatório a que pretendia submetê-la. Porém, a moça baixou novamente a cabeça, fazendo com que os cabelos voltassem a encobrir-lhe o rosto.

— Medo de fazer a travessia? Travessia para onde? — indaguei aflito, já determinado a ajudá-la, mas buscando os esclarecimentos necessários.

Antes de responder às minhas perguntas, ela levou as duas mãos à garganta, como se estivesse sufocada, e começou a se debater em convulsões. Em seguida, pendeu o corpo para trás e caiu de costas sobre o colchão, onde permaneceu inerte.

Desesperado e bastante confuso, eu não soube de imediato o que fazer. A razão me dizia para correr até a recepção e pedir que chamassem uma ambulância, mas uma força descomunal me dominava e me levava a agir de modo diferente. Numa ação instintiva, peguei-a no

colo e saí rapidamente para o corredor.

Porém, mal coloquei os pés para fora do quarto, tive a impressão de que o hotel estava mergulhado em trevas, sem um pontinho sequer de claridade como referência. Novamente fui tomado pela incerteza. Pensei em deixar a jovem ali mesmo no piso e sair em busca de socorro, mas quando ameacei arriar os braços, ela se agarrou em meu pescoço e voltou a implorar num sussurro lamentoso:

— Ajude-me a fazer a travessia, por favor...

O instinto voltou a comandar minhas ações. Aconcheguei-a em meu peito e, mesmo às cegas, prossegui. Andava devagar, com a palma da mão direita voltada para frente, prevendo o momento em que esbarraria na parede. Porém, quanto mais andava, mais escuro o ambiente se apresentava e eu não conseguia chegar a lugar algum. Gritos estridentes, gargalhadas funestas e imprecações ecoavam na escuridão, provocando-me arrepios.

Depois de um longo tempo naquela lenta e interminável caminhada, ocorreu-me a ideia de pedir ajuda a Deus. Agora eu já não tinha dúvida de que algo extraordinário estava acontecendo. Assim, elevei o pensamento e passei a suplicar pelo amparo celestial.

A partir desse momento, surgiu uma tênue claridade que foi aos poucos se intensificando, à semelhança de um lento alvorecer depois de uma noite trevosa. Silhuetas de árvores foram ganhando forma por todos os lados e vi que me encontrava em um lugar paradisíaco! O céu era incrivelmente azul e um regato de águas diáfanas cortava a paisagem adornada pelo voo de pássaros e borboletas. Florezinhas campestres se distribuíam em meio à relva baixa que cobria o solo.

A moça desceu do meu colo e posicionou-se ao lado, sorrindo graciosamente. Seu rosto estava corado e os olhos já não transmitiam tristeza, mas um brilho contagiante de alegria e vivacidade. Nesse momento, um rapaz

de porte elegante se aproximou e os dois se abraçaram rindo e chorando ao mesmo tempo. Antes de seguirem de mãos dadas por uma vereda que se infiltrava no bosque, lançaram para mim um sorriso de gratidão e acenaram se despedindo.

Acordei com o sol atravessando as venezianas da janela, formando faixas paralelas de luz no travesseiro. Levantei e fui tomar um banho quente, tentando entender o que havia ocorrido, mas como nada me soasse com clareza suficiente, atribuí o acontecimento a um desses sonhos misteriosos que todo mundo tem de vez em quando.

Entretanto, quando fui fazer o *checkout*, vi um painel de fotografias dependurado na parede atrás do balcão da recepção. Entre as fotos ali expostas estava a de um jovem e sorridente casal que me despertou a curiosidade.

— Desculpe-me a indiscrição — falei ao recepcionista —, mas saberia me dizer quem são os dois jovens daquela fotografia?

O rapaz deu um profundo suspiro e respondeu:

— São a filha do dono deste hotel e o noivo dela, coitados! Vinte anos atrás, eles estavam para se casar quando o moço sofreu um acidente de carro. Ela não se conformou com a morte dele e, uma semana depois, trancou-se no quarto, onde coincidentemente o senhor dormiu, e cometeu suicídio tomando uma dose excessiva de remédios controlados.

A revelação me deixou intrigado, mas eu nunca ousei comentar sobre os acontecimentos daquela noite nem mesmo com meus familiares. Já se passaram muitos anos desde a ocorrência dos fatos e, a cada vez que me lembro, minha alma se alegra, dando-me a impressão de ter participado de um ato miraculoso. Entretanto, sem a plena

convicção de estar certo, sigo vivendo com o mistério da travessia a ocupar relevante espaço em minhas saudosas recordações.

ROBERTO DE CARVALHO

Cadeira 29 - Patrono Humberto de Campos





Celso de Almeida Cini, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 37, cujo patrono é Afonso Schmidt. Nascido em Santo André, em 18 de outubro de 1934, filho de Angelo Cini e Maria das Dores de Almeida. Ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco – USP em 1962. Trabalhou por cinquenta anos como advogado, em todas as modalidades: crime, trabalhista, tributário, cível, família, imobiliário, registros públicos, comercial e outros. Pós-Graduado na mesma Faculdade entre 1980 e 1984. Mestrado e Doutorado em Direito Civil. É professor de Francês no Colégio Clóvis Bevilacqua, em Santo André. Segue advogando. É igualmente tradutor de idiomas neolatinos. Publicou obra sobre Machado de Assis em 1999 pela ALGRASP. Memorialista, publicou diversos artigos nas Revistas *Tamises* editada pela Academia e na *Raízes* da Fundação Pró-Memória.

MEU PÉ DE UVAIA

CELSO DE ALMEIDA CINI

Hoje de manhãzinha, retornando de uma caminhada pelo Bairro Campestre, onde moro há mais de cinquenta anos, notei que a vizinha, uma japonesa octogenária, mandou cortar uma árvore frutífera que conheci na infância e que fazia todo o meu encanto de criança. O anti-jardineiro dela avançou pelo jardim, onde a árvore vivia, frutificava e se expandia, e a decepcionou, sem dó, a golpes de podão. Só restou o tronco de 20 cm. Abatera um fértil pé de Uvaia! Esse gesto sacrílego provocou-me uma estranha aversão, trazendo-me, malgrado, lembranças de saudosa memória. E pensei: Que misterioso ódio aflige a velha japonesa? Que terá contra o pé de Uvaia?

Dona Nena, minha mãezinha querida, desligada há anos deste mundo, sempre que chegava o verão, oferecia a nós, seus filhos, deliciosos refrescos de “orvalhas”, como ela chamava os frutos. A merenda era uma das coisas gostosas de saborear e fazia as delícias da nossa meninice despreocupada e longínqua, lá na casinha aconchegante do Bairro do Parque das Nações, onde nasci em

1934 e onde aprendi o beabá da vida, saudando cada dia da infância com a alegria viva de um pássaro que apenas aprendera a voejar. Vida simples que não padecia de mistérios. Pobres, mas felizes à beça...

Verdade é que a uvaia, aquele aveludado fruto dourado e sumarento, cujo aroma inundava o ambiente, produzia mesmo um fresco magnífico: fragrância e sabor inesquecíveis. Muito suave, romântico e tão agradável como os doces feitos para o leilão de prendas que minhas velhas tias doceras faziam e doavam à quermesse da Matriz do Senhor do Bonfim, então em construção, naqueles ditosos tempos idos. Como desconhecíamos geladeiras e não existia água encanada, minha mãe recorria ao poço doméstico, de água sempre fresca, com a temperatura de uma cascata de cristais da serra. Supremo prazer!

Seu Didi (Angelo Cini), meu pai, era marceneiro e carpinteiro, como São José, o pai terreno de Jesus. Empregado da extinta Móveis Streiff, indústria suíça, fabricante de cadeiras, poltronas e pequenos móveis, que operava na velha Av. Queiroz dos Santos, beirando os trilhos da antiga S.P.R. Sua sede estava onde está hoje a Coop da antiga Rhodia. Nesse tempo era chique ter cadeiras e poltronas com assento empalhado, isto é, urdido com palhinha fina, natural, importada da Índia pelo Cerello, da região da Santa Efigênia, utilizada para tecer o confortável retângulo central dos assentos. Um serviço terceirizado que fazíamos em casa, minha mãe e eu, a partir de meus sete anos, para ajudar no sustento da família. Na escola primária, entrei aos oito anos, início de 1943, pela manhã. Trabalhava só à tarde. Ah! Aprender a ler e a escrever. E o mundo abriu-se, como o Sol brilhante de verão, com mistérios descobertos e revelados!

Seu Didi só trabalhou nessa indústria. Operário veterano e muito capaz, fora admitido em 1916, aos 13 anos.

Nascera em 1903, em Ribeirão Preto, numa fazenda de café. Veio para Santo André, em 1915. Com 31 anos se casou, mas já era viúvo, com uma filha, Santa Cini, orfã da mãe, Eugênia Antunes, falecida após o parto. Didi casou-se, pela segunda vez, com Maria das Dores de Almeida, a Nena, minha mãe, em dezembro de 1933. O casal foi morar longe do centro de Santo André, no recém criado bairro proletário do Parque das Nações, onde ele construía modesta casinha, com amplo quintal, em excelente terreno de 500 m², na esquina das Ruas Espanha e Inglaterra. No quintal, o bravo trabalhador plantara, antes do meu nascimento, árvores frutíferas: laranjeiras, pessegueiros, ameixeiras, limoeiros e outras, além do meu querido Pé de Uvaia, fruta selvagem de sabor agri-doce, de aroma tão odorífero, que envolve todo o ambiente que cerca sua árvore. Havia lá, também, canteiros de hortaliças e um galinheiro, onde mamãe associava a criação de patos à das galinhas poedeiras. Tivemos ainda uma criação de coelhos de saudosa lembrança. Com família numerosa, seu Didi sabia que era mister prover a mesa de proteína. Cuidávamos dos coelhos, alimentando-os com o capim-gordura da beira do Tamanduateí. Multiplicados, cresciam e iam para a panela, alimentar a prole de seis filhos!

Meu Pé de Uvaia florescia entre fins de setembro e princípios de outubro e, em novembro e dezembro, carregava-se dos frutos periformes, amarelo-ouro, exuberantes, a exalar seu oloroso perfume adocicado e persistente, verdadeiro bálsamo aromatizante, criando irresistível atração à nossa nascente gula. O aroma sedutor insinuava-se ao nosso olfato e paladar. Não havendo como subir no esgueirado pé, eu o chacoalhava e, com a tremulação dos galhos, os frutos maduros desprendiam-se e caíam, esparramando-se pelo chão, que se forrava de pomos

dourados. Na verdade, eu e meus 11 anos nem sonhávamos, naqueles idos de 1946, que a uvaia, ou uvalha do campo, cuja espécie botânica é *Eugenia uvaia pyriformis*, planta da família das Myrtaceae, tinha seu nome derivado da língua tupi: “ybá-ia”, que quer dizer, fruto azedo. Sim, a uvaia, tinha sabor ácido e doce ao mesmo tempo, qualidade que eu adorava. Nisso consistia o meu mistério pessoal. E sabem o que mais? Trata-se de planta nativa do Brasil, da Mata Atlântica, sendo mais encontrada em áreas próximas da Serra do Mar, nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde florescem em sua época, com frutos (drupas globosas) entre novembro e dezembro, que amadurecem até janeiro do ano seguinte.

Os frutos da uvaieira encerram notável cópia de vitamina C: de três a cinco vezes mais do que a laranja! Sua cor dourada e seu exacerbado aroma atraem grande quantidade de pássaros frugíferos. A planta pode alcançar seis a treze metros de altura, e seu tronco chega a ter mais de 15 cm de diâmetro. Uvaieiras prestam-se muito ao reflorestamento de áreas degradadas. Os pássaros visitantes da uvaieira povoarão, com sementes diversas em seus dejetos, outras árvores nativas, enriquecendo e recuperando o terreno degradado, como ocorreu na Serra do Mar, recentemente atingida pela poeira de inseticidas, das indústrias de agrotóxicos, migradas do ABC para Cubatão e adjacências.

Acredito mesmo que meu pai plantara meu Pé de Uvaia tão logo comprou o terreno, por volta de 1931. Mas só foi ocupar a casa depois de casado, em princípios de 1934. Onze anos depois, meu Pé de Uvaia já alcançara três metros. Árvore compacta, a uvaieira dificulta ser escalada, embora não ocupe muito espaço. A uvaia amadurece no pé e, se lá permanecem, os frutos caem no

solo, muitas vezes já bicados por sanhaços, saíras, sabiás e outras aves, que visitam a árvore com uvaia sazoadas, pendentes quais enfeites natalinos! Observando isso, eu sofria, enciumado, de ver aquela passarada invadir meu Pé de Uvaia e atacar a seara dos pomos maduros. É que, nesse tempo, eu ainda não tinha qualquer noção sobre o importante misterio funcional da natureza: a permuta criativa entre pássaros, insetos polinizadores, flores, mel e frutos que os alimentam, árvores nascidas à mercê das sementes carregadas pelos ventos, ou digeridas pelas aves, e plantadas, sem a presença nem a participação humana, nos vastos rincões do planeta. Então, minha ciúmeira infantil, embora inaceitável, estava ao menos justificada pela ignorância pueril da completa desinformação. Humano mistério de criança...

Tratando-se de fruta com muita polpa, e provida de casca aveludada, muito fina e sem resistência, a uvaia é, frequentemente, visitada pela mosca da fruta, que ali deposita seus ovos. Após a eclosão, nascem larvas que penetram no fruto através da casca e se alimentam da polpa. Exceto pela natural aversão a esses atrevidos bigatinhos brancos, as larvas nenhum mal nos causam, dado que são apenas proteína. E meu desprotegido Pé de Uvaia nunca esteve imune a essa praga que, de resto, em nada impedia meu prazer de saborear a fruta in natura ou transformada em generoso suco. Dá prá sentir, nessa permuta, o mistério de cada um!

Naturalmente, depois de adulto e bem vivido, também descobri que uma batida de uvalha – suco puro de uvaia, com muita polpa, boa aguardente brasileira, gelo e açúcar – também podia transformar-se em aperitivo suave e de muito bom gosto. Contudo, não é só para sucos e aperitivos que a Uvaia se presta. Com sua rica polpa podem-se criar sorvetes, geleias, licores, compotas. E mais:

a uvaieira tem também suas aplicações terapêuticas. Verdade! Folhas e frutos podem ser usados em infusão, em chás digestivos. As folhas da uvaieira, assim usadas, recomendam-se para redução da pressão arterial e dos níveis elevados de colesterol. Não acreditam? Pois pesquisem na Internet e convençam-se os hipertensos e hipercolesterolêmicos. Só os médicos alopatas não acreditam. Então, por quê cortar um pé de Uvaia, céus? Tão útil.

Bem, não é que eu queira só “arrastar brasas às minhas sardinhas”. Afinal eu, nestas memórias, deixaria de reunir argumentos para defender as qualidades, as virtudes e os “talentos” congênicos, intrínsecos, originários, concedidos pelo Criador ao meu maravilhoso Pé de Uvaia? Se, por pura indolência, eu me omitisse, não me poderia considerar discípulo dedicado da Velha Academia de Direito, a notável Faculdade do Largo de São Francisco, por cujos bancos acadêmicos passaram defensores honestos e sábios, como Ruy Barbosa, Castro Alves, Monteiro Lobato, os altruístas poetas paulistas contemporâneos Guilherme de Almeida e Paulo Bonfim, a escritora Lígia Fagundes Telles e tantas outras figuras brasileiras ilustres. Falo das famosas Arcadas, onde fiz graduação e pós, dediquei-me à profissão e aprendi a amar a justiça, a verdade e a defender o direito de todos, especialmente dos desprotegidos e menos favorecidos pela sorte! Afinal, quem, até hoje, defendeu a presença, a reprodução e a manutenção do magnífico Pé de Uvaia? Nossa gente, por pura ignorância, nem o conhece e, se o conhece, nem se lembra de que a uvaieira, árvore de grande utilidade, é indefesa como tantas outras, vítimas do desmatamento criminoso. E, meu Pé de Uvaia bem merece minha feroz e persistente defesa!

De outro lado, claro que nos emocionamos com o escritor José Mauro Vasconcellos, que criou o comovente

“Meu Pé de Laranja-lima”, uma estória pungente e cheia de ternura dos pequenos dramas da infância, e que deu origem ao filme, com Eva Wilma. Também ficamos solidários ao ler e conhecer “Meu Pé de embuia”, crônica embevecida de Júlio Tavares publicada no Estadão de 22 de fevereiro de 1970, em que ele nos conta seus defraudados episódios, primeiro de um jovem Pé de Jacarandá da Bahia e, depois, da sua viçosa arvorezinha de Imbuia paulista, por ele plantada e carinhosamente cuidada, até que enxadeiros rústicos e mal informados, contratados por ele próprio, por desconhecem tratar-se da viçosa muda de madeira-de-lei, vejam só, a deceparam com indiferença ao roçarem o mato e abrirem picada margeando o riachinho. Perguntados, um enxadeiro disse: “Embuia? Não conheço, não vi! O outro, também, não tinha a mais vaga ideia. Nem viu cova no chão. E continuaram abrindo a picada.” É sempre assim: ignoram tudo; ninguém assume a culpa!

Bem, meu Pé de Uvaia nada tem de tão nobre que merecesse, além do carinho e amizade, um livro e possíveis filmes. Nobreza alguma tinha ele, como o “Ramo de Carvalho de Tasso”, com que Joaquim Nabuco presenteou Machado de Assis, então presidente da recém fundada Academia Brasileira de Letras. E, pensem: tampouco fui eu quem o plantou... Mas, meu Pé de Uvaia marcou minha infância e adolescência e a ele me afeiçoei e lhe dediquei minha amizade, como se fora a um belo espécime de cão, de nobre estirpe, amigo leal, sempre alegre, a me seguir. Só faltava mesmo que meu Pé de Uvaia me abanasse o rabo, feliz...

Mais tarde, quase adulto, os anos voando e eu trabalhando fora a partir dos meus doze anos, vi o mundo mudar muito. Não tinha mais tempo de admirar meu querido Pé de Uvaia, quanto mais de cuidar dele e defen-

dê-lo! Eram novos mistérios. Mas, sempre em dezembro, todas as manhãs, ao banhar o rosto na humilde torneira do tanque de lavar roupa, de onde eu o via de frente, sentia viva a essência balsâmica daqueles olorosos frutos. Era mesmo tal qual um carinhoso e irresistível chamado da floresta! As atividades profissionais, os horários apertados, as obrigações escolares, sociais, esportivas e o compromisso internacional de ser Representante da Ibéria Cultural e Filatélica, de Barcelona (Espanha), consumiam as horas do dia e da noite da minha mocidade. Pouco tempo para o sono. Tempo nenhum para meu pobre Pé de Uvaia!

Entretanto – ai de mim! – nada é para sempre! Casado, aos 23 anos, em 1957 fui morar em casa alugada, próxima. Dois anos depois, para livrar-me do aluguel, decidi construir uma casinha no fundo do terreno de meu pai, com frente para a Rua Espanha, 725. Eram as primeiras dívidas a tirar-me o sono tão despreocupado de outrora. Um mistério só meu, repartido um pouco em cada compromisso assumido. A mexida no quintal, pelos construtores, foi radical e, quando me lembrei do meu querido Pé de Uvaia, procurei-o, em vão, no meio daquela barafunda dos materiais e ferramentas. Era tão alto, onde estaria? Por fim, vim a saber que os próprios pedreiros, aqueles criminosos, o haviam decepado cerce, impiedosamente, sem perguntar se deviam poupá-lo. Morreu assim, sozinho, sem assistência, desprotegido, sem dó, meu desvalido Pé de Uvaia. Aquele que fora o amigo preferido da minha infância. Tristeza inútil, agora. Pensei até em processar os negligentes culpados. Mereciam punição. Mas perdoei-os: compaixão! Só trabalhavam! Foi como matar meu primeiro amor! Já não vivia meu querido Pé de Uvaia! Depois, pronta a casa, fomos ali morar e plantei, numa nesga de quintal, como homenagem ao extinto

Pé de Uvaia, a muda de Cerejeira brasileira, quando meu primeiro filho já tinha quase dois aninhos. Plantara uma árvore! Com um filho, restava escrever um livro para tornar-me importante. Ali residimos por onze anos, até fins de 1971. Mas, a cerejeira também fora cortada, para dar lugar a um muro divisório. Meu pai fora obrigado a fazê-lo. Maldade? Não! Observando meu velho pai, aposentado, cabisbaixo, pensei no mistério de cada um e, a que destino esse mistério nos conduz. Da noite para o dia, os cabelos – todos — de meu pai, tornaram-se brancos, porque sua aposentadoria era tão miserável, insuficiente e humilhante!

Anos depois, trabalhando muito – executivo de dia e advogado à noite – consegui construir minha casa própria, ampla, assobradada, no Bairro Campestre, e morando ali, distante dos limites paternos, plantamos, no largo jardim, um lindo Cedro do Líbano, ou Abeto verde azulado, e um soberbo Ipê Amarelo, tudo rodeado de palmeiras e flores, homenagem póstuma aos desaparecidos Pé de Uvaia e Cerejeira. Em 1984, aos 50 anos, meus pais estavam mortos. Nesse ano, fomos conhecer a Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia e a Rússia! Notável experiência!!

E, apesar de tudo, em 1993, beirando os 60 anos, dediquei-me a formar nossa Chácara em Pereiras, lá para as bandas de Tatuí, cuidando do plantio e cultivo de outras árvores, frutíferas e ornamentais, enquanto existia, ainda, o pé de Uvaia de dona Cecília, a japonesa vizinha. Sim, na Chácara das Primaveraes, em cujo terreno, de 18 mil m², onde só havia, no início das obras da casa, barba-de-bode e cupinzeiros, plantamos um belo espécime de Pau Brasil, hoje altaneiro, ao lado de vários Ipês (branco, rosa e amarelo), vários pés de Jacarandá Mimoso, com suas ramas cobertas de flores azul-lilás, e outras mudas

de madeira nobre, como se diz, tudo madeira de lei, na tentativa de resgatar a dívida com meu saudoso Pé de Uvaia. Madeira-de-Lei, sim, segundo antigas leis portuguesas que defendiam o tesouro verde do Brasil-Colônia. Em toda a volta do alambrado, entretanto, plantamos o cedrinho-cipreste, com seu perfume resinoso, a lembrar Mirra e Incenso, presentes dos Reis Magos do Oriente ao Menino-Deus. As Mangueiras? Lá estão, de todas as qualidades: Bourbon, Rosa, Coquinho, Espada, Tommy e mil outras. É a terra delas! Lindo mesmo é nosso pé de Limão Galego, criado e nascido para as deliciosas caipirinhas verdadeiras, adoçadas com mel da terra, depois de enriquecidas pela nobre cachaça da região!

As palmeiras, de diversos tipos e mimosos matizes de verde, os amplos gramados esmeralda, ladeando a piscina cristalina, e os gloriosos pés de Acácia Real, frondosos, com seus pomposos cachos de flores de soberbo amarelo-ouro, também emprestam elegância e majestade à Chácara que, de resto, está sempre enfeitada pelas buganvílias multicores: salmão, sulfureo, lilás, brancas, vermelho sangue, e as azuis (lápiz lazuli), muitas em cachos pendentes. Nosso Lago, de águas límpidas, é bastante piscoso. E o amplo espelho líquido da nossa piscina, cujas águas refletem o azul celeste, tornam-se tépidas com o sol de dezembro, quando o banho noturno, ao findar os dias mais quentes, é bálsamo enternecedor... prêmio de nossa velhice precoce! Então, na Chácara das Primaveras, existem árvores frutíferas e ornamentais. Mas as mudas de Uvaia plantadas próximas ao Lago foram sempre devoradas pelo gado bovino de terceiros, que ali pasta diuturnamente. O clima local tornou-se ameno com a nossa vegetação. Vicejam ali, além da Laranja-Lima e das videiras (algumas vitiviníferas: a Cabernet Franc produziu vinho razoável), outras: a Gra-

viola, os Figos (o comum e o Figo da Índia), o Abiú, do norte, a Macadâmia e a Noz Pecan. Como se vê, nada nos falta, nem faltará: o Altíssimo é o Bom Pastor que desde sempre nos conduz. Entretanto, nenhuma dessas riquezas removeu do meu coração a mágoa, de mais de meio século, pela irreparável perda do meu Pé de Uvaia, amor de criança que, uma vez ferido, adoeceu e nunca mais se curou. As cicatrizes, doloridas, viraram saudades sem remédio. E, agora, quando meus olhos pousam num pé de Uvaia, como o recém abatido na casa da japonesa, cujo tronco decepado ressuscitou com brotos virentes e viçosos, assalta-me a melancolia, trazida pelo saudosismo antigo dos meus tempos de menino, ciumento e guloso, a aspirar, nas manhãs luminosas de verão, aquele aroma sem igual dos frutos perfumados do meu querido Pé de Uvaia!

CELSO DE ALMEIDA CINI
Cadeira 37 – Patrono Alfonso Schmidt





Maria do Céu Formiga de Oliveira, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa, a Cadeira 38, cujo patrono é Mario Quintana. Graduada em Psicologia, pós-graduada em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica, e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de Ensino Superior. Também é escritora, além de atuar nas artes plásticas com pintura em aquarela. Na área acadêmica, como professora universitária fez parte do corpo docente da Universidade Metodista. Na Faculdade de Belas Artes, ministrando as disciplinas: Psicologia da Arte, Psicologia da Comunicação e Criatividade. Autora dos livros: *Visões de um ante herói*; *Trajetória do Silêncio*; *Primeiro Pôr-do-Sol*; *Remanso e Outros Recantos*; *Um Piscar do Infinito*; *Delicadezas* e *Em Algum Lugar Dentro de Mim*. Participação nas coletâneas: *Terapeutas na Cozinha*; *Noi, Donne – Sfide e Conquiste dei Nuovi Tempi*; *Women´s – in the World* e *O Que Dela Trago em Mim*.

O VIOLINO EM MIM

MARIA DO CÉU FORMIGA DE OLIVEIRA

Desde muito cedo, soube que alguns desejos não seriam tão facilmente vividos. Nem por isso desisti. Pensava: “posso não vivê-los no momento em que acordam no meu coração, mas posso albergá-los na memória, temporariamente”.

Lembro bem que faltavam um tanto de tamanho e de ousadia para eu ser, de fato, uma adolescente quando o violino soou em minha alma. Ah! Como desejei aprender a tocar esse instrumento! Guardei em silêncio esse desejo. Silêncio, esse estado de quietude em torno da qual as palavras gravitam sem que ninguém ouça.

Aprendi, ainda muito cedo, que Deus trabalha no turno da noite e pedi a Ele que me ajudasse a chegar perto desse sonho. Todos os dias, antes de dormir, devaneava ao Seu lado e ficava me imaginando tocando com maestria e docilidade.

Pouco tempo depois, foi inaugurada na minha cidade a Fundação das Artes. Uma bárbara escola de pintura, música, teatro, desenho, dança e tantos outros cursos. Soube, então, que haveria uma prova para a seleção de alunos. “Inscrições abertas”. Era a minha oportunidade!

Realizei minha inscrição e o exame e, somente neste momento, despi-me diante da minha família. Passei no teste para fazer o curso de violino com bolsa integral. Meus pais ficaram muito felizes, muito mais do que eu porque, naquela época, tinha muita dificuldade para celebrar euforicamente qualquer coisa.

O grande encanto ficava sempre sobre o travesseiro que eu abraçava antes de dormir e, quietinha, agradecia Àquele que não só me acompanhava durante o dia, mas que conversava comigo no turno da noite.

Comecei o curso toda cheia de orgulho, mas, dois meses depois, tive de parar porque foi indispensável comprar o violino. Instrumento caro demais para que aquele pai tão humilde pudesse dar conta.

Parei o curso e alberguei na memória o tanto que havia aprendido e vivido.

Havia descoberto naquelas aulas que o violino é o mais agudo dos instrumentos, seu tom corresponde ao soprano da voz humana.

Seu timbre, apesar de agudo e estridente, pode produzir timbres aveludados, dependendo só do encordoamento. Assim como na vida cantamos ou gritamos nossa história pela fricção dos sentimentos que as experiências deixam como tatuagem.

O som do violino ecoa pela fricção das cerdas de um arco de madeira sobre as cordas, podendo ser executado beliscando ou dedilhando. Como na história de todos nós.

Guardei na primeira gaveta do criado mudo a audição tão desejada e não realizada.

Guardei aquele doce e curto convívio. Fiquei impregnada pelos exercícios: corpo reto e peito para frente, pernas um pouco separadas para o equilíbrio, de

modo que, quando o movimento do arco tiver de ser rápido, o braço possa ficar com mais facilidade para executar as notas. Que dureza segurar o violino de modo natural, senti-lo como parte do corpo! Mesmo assim, quanta saudade!

Eu me sentia o máximo com meu corpo pequeno e miúdo segurando aquela obra de arte, idealizada na Itália entre o fim do século XVI e início do XVII. Lembro bem o quanto o professor me pedia calma e repetia: “Não é você que vai ao violino, é o violino que vai até você”.

Décadas se passaram. Tornei-me poeta e a poesia me levou à Biblioteca Nacional Austríaca – Österreichische – em Viena.

Viena elegante, sofisticada, culta, respirando, sem descanso, música clássica em suas ruas e construções cheias de delicadeza. Beleza e sofisticação das suas sinfonias.

Viena e seus jardins, sua história, sua arte, sua música. Viena, capital da música clássica. Que experiência! Desgovernada de paixão por Mozart, Beethoven, Schubert, Brahms, entre tantos, eu passeava com eles de mãos dadas para não errar o compasso do prazer e de tanto amor.

Pouco dormi naqueles dias, muito escrevi e me emocioniei. Não queria perder um segundo sequer daquele olhar que colhe estrelas e as leva para iluminar o quarto enquanto se dorme abraçada ao travesseiro (sempre em silêncio).

Como havia apenas albergado na memória o sonho de tocar violino, no avião, durante meu retorno ao Brasil, afagada pelo vivido, senti meu sonho sendo desalojado. Solto no meu coração, uma ponta do novelo desa-

tou e flagrei rumores de esperança.

Dois dias depois, matriculei-me numa singela escola de música. Durante a entrevista com o professor narrei um pedacinho da minha trajetória, da idade do meu sonho, e nos emocionamos. Foi um encontro na medida certa, um encontro à altura do meu alubrimento. Antes de sair, pedi indicação de um violino para comprar e ele me disse que não precisaria pressa, poderia ser depois de alguns meses. Nem pensar! E na primeira aula, lá estava eu, ansiosa, com meu instrumento a tiracolo, toda disposta, toda ousada e, ainda, meio adolescente, quase moleca.

O violino é um instrumento difícil de aprender. Quando penso onde fui me meter nesta altura da vida, conformo-me bem humoradamente, dizendo a mim mesma que não é tanto assim, mais difícil é gaita de fole, oboé, harpa. E aí sigo confiante.

O segredo da aprendizagem é a disposição, a paciência, a ausência de ansiedade. As primeiras aulas foram tão difíceis! A cervical já não era a mesma, tinha um preço adicional aconchegar esse querido, segurar o arco e lhe imprimir a pressão certa. Distribuir o peso do corpo sobre as pernas, os dedos nas cordas, adequar a queixeira, o rosto, o ombro, a altura dos braços. Pra quem é fadada ao profundo é muito fácil extrapolar. Quando isso acontece, e me sinto muito dolorida, quase fora do esquadro, recorro à fisioterapia que sopra alívio sobre os meus excessos.

Hoje contemplo cada música que consigo tocar; depois, preciso me debruçar sobre o silêncio.

Sinto uma bruma suave visitando meu coração. A simbiose que nos une assegura um sagrado itinerário a ser percorrido por mim pela vida afora.

Ao som do violino encontro quem me presencie, reinauguro-me, reconcilio-me.

Minha vida, visitada por sutil orvalho, solta e leve feito painas ao vento...

Grande mistério!

MARIA DO CÉU FORMIGA DE OLIVEIRA
Cadeira 38 – Mário Quintana



O
MISTÉRIO
DE CADA
UM

QUARTA ANTOLOGIA LITERÁRIA



POESIAS



Sebastião Geraldo Ferreira Gomes, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 01, cujo patrono é Gustavo Teixeira. É advogado, escritor, poeta e compositor. É também funcionário público da Prefeitura Municipal de Santo André. Nascido em Santos Dumont, Minas Gerais, em 1947, é o terceiro de uma família de doze irmãos. Aprendeu as primeiras letras em sua cidade natal, completando a sua educação em Barbacena, Minas Gerais, no Colégio Agrícola Diaulas Abreu. Posteriormente, mudou-se para a região do ABC Paulista, com toda a sua família, radicando-se em Santo André, São Paulo. Cursou Direito em São Bernardo do Campo, São Paulo.

OUTROS TEMPOS

SEBASTIAO GERALDO FERREIRA GOMES

Em outros tempos, mais felizes,
 eu via a luz ser mais brilhante!
 Clareava os meus deslizes
 e os tornava em diamantes.
 Eu era belo e mais puro,
 meu coração mais verdadeiro!
 Os meus olhos viam o muro
 que me protegia por inteiro.
 Algumas vezes eu pensei
 vencer a curiosidade.
 Galgando o muro, eu bem sei,
 veria a felicidade?!
 Depois de longa caminhada
 me encontro em outro lado
 descobrindo o quase nada
 daquele muro ali colocado.
 Não tenho como mais sonhar,
 aquela luz não é mais brilhante!
 Minha razão me faz pensar
 que sou, agora, um gigante.
 Sim, um gigante abatido!
 Mas por que a vida encena
 um mistério sem sentido
 dentro dessa grande arena?

RAZÕES

Faça tudo, mas não saia
dos limites da cidade,
pois, se sair, você desmaia
e perderá a liberdade.
É tão fácil perceber
onde se encontra o mal.
Basta um pouco de saber,
um olhar etc. e tal.
Já cansei de procurar
uma saída bem segura
onde se possa ficar
sem temor, sem amargura.
Mas não encontro esse lugar!
Se nos fecharam,
há razões que não vão nos explicar
e nem tão pouco abrir os portões.
Estamos presos ou não?
Estamos livres? Eu não sei!
Se correr o bicho pega, então?
Mas, se parar, me entreguei.
Pobres almas depenadas
cujos corpos se desprendem!
Há razões para as tomadas?
Que mistério, compreendem?!...

VIAGEM ÀS ESTRELAS

Cada um olha para o céu
com um olhar insinuante
e se imagina nas estrelas
pelo menos num instante.
Deixar a terra, ir ao espaço,
sentir-se livre das amarras,
ver os mistérios existentes,
como o canto das cigarras.
Viajar entre as estrelas,
conhecê-las uma à uma,
colher pérolas que lá existem
para enfeitar coisa alguma.
Descobrir os seus tesouros
bem guardados nas alturas!
Ver de perto a que o mundo
expõe-se em aventuras.
E, enfim, de lá trazer
tudo o que se conseguir.
E todo o amor, toda a magia
doar a todo que pedir.

MEU TESOURO

O que me pedes
não posso dar,
pois só a mim foi se moldar!
Verás que a onda
que vem do mar
vem se quebrando,
mas tu vais pular.
O céu azul que vês ao longe
podes cobrir um velho monge.
E sairás de uma cascata
a pura água em duplicata.
Portanto, o veio que tens o ouro
guarda o montante do meu tesouro.

NAS AREIAS

Um céu azul
me faz sonhar!
Enquanto eu sonho
estou a voar!
E vejo os mares
com suas águas
levando os barcos
com suas mágoas.
Mas eu me vejo
sem me importar
com gaivota
a me rodear.
E de volta às areias
o sol em cores me sorri
e me faz lembrar
das coisas que lhe pedi.
Mas nada de importante,
por isso é mistério!
E falo sem temor
porque isso é sério.

SEBASTIÃO GERALDO FERREIRA GOMES
Cadeira 01 – Patrono Gustavo Teixeira





Jose Roberto Espíndola Xavier, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa, a Cadeira 24, cujo patrono é Alberto de Oliveira. Casado com Sonia Maria Franco Xavier e pai de Gustavo, Luciano e José Roberto. Médico pela Faculdade de Medicina da USP, campus de Ribeirão Preto, com especialização em Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo. Pós-graduado em Medicina do Trabalho. Membro da Sociedade Brasileira de Coloproctologia. Sócio Presidente da Associação Paulista de Medicina, Regional de São Caetano do Sul, médico cirurgião do aparelho digestivo do Hospital São Caetano por 35 anos. Curador da Fundação das Artes; Patrono Fundador das Artes de São Caetano do Sul. Membro da União Brasileira de Escritores (UBE). Membro da Academia Brasileira Maçônica de Artes Ciências e Letras. Autor dos livros de poesias *Meu Século* e *Voyeur*.

HOMO SAPIENS (AS MIL FACES)

JOSÉ ROBERTO ESPINDOLA XAVIER

Assim caminhas
Pela inércia, no grande vácuo
Das vontades que um dia as tiveste
As milhares de faces em que te compões
Mas que não vês no andar trôpego e contínuo
De moto perpétuo, imotivado e sem razões.

Assim caminhas
Fruto de árvores de muitas eras
Trazes os genes de mutações milenares
Nas entranhas do núcleo e citoplasma
Carregas a beleza da criação divina
E a sordidez da condição humana.

Assim caminhas
A ninguém importa tua obscura trajetória
Tampouco a tua íntima tragédia.
Atros e sem impacto, asteroides
Não mudam os rumos do cosmo,
Não brilham, não geram sombras.

Assim caminhas
As veredas têm o ranço dos séculos
E as cicatrizes de todas as batalhas
Do ego sobrevivente
Assumes no físico o espectro verossímil,
Na química da mente, domas os instintos,
Arquitetas o ser necessário
E vestes a conveniência do cerimonial hodierno.

Assim caminhas
No projeto inacabado da vida,
Elo instantâneo na gênese do homem
Abrigas nas vísceras os saprófitas e canibais
Que aguardam ávidos por seu festim
E trazes no cérebro as circunvoluções
Geratrizes do saber que te promove a racional.

Assim caminhas
E vês apenas o que te permite o juízo
Da virtual imagem especular
Que julgas com o discernimento canhestro
Dos viciados sentidos que te mentem
As milhares faces em que te compões
E não refletem quem realmente és...

JOSÉ ROBERTO E. XAVIER
Cadeira 24- Patrono Alberto de Oliveira



O
MISTÉRIO
DE CADA
UM

QUARTA ANTOLOGIA LITERÁRIA



SÓCIO
CORRESPONDENTE



Flávio Mello, Sócio Correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo. Possui graduação em Letras - Literatura, Especialização em Práticas e Vertentes - Literatura Africana e Infantil e Mestrado no curso de Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, com título: Notas biográficas e metáforas religiosas na poesia de Jorge de Lima. É professor, palestrante, coordenador editorial e escritor, autor de vários livros de ficção e artigos em revistas. É professor convidado em Universidades e Colégios onde ministra aulas sobre Literatura, Escrita Criativa, o Conto Contemporâneo e Poesia. Oficinas em diferentes abordagens que vão desde a criação de peças e construção de fantoches a Poesia Modernista de Jorge de Lima. Atualmente é Secretário de Cultura de Siqueira Campos no Paraná.

SOL'ÁRABE OU A MILÉSIMA SEGUNDA NOITE

FLÁVIO MELLO

Sinto as ranhuras das digitais dos camelos, marcadas pela superfície solar do deserto, entre vertigens ao meio-dia exposto ao incandescente sol, e, no oásis fantasmagórico, embriagado com a poesia árida... avisto entre as duplas imagens, o ventre árabe, feminino.

As dunas virgens, imaculadas, duma santa de areia esculpida pelo vento... deitada, semienterrada nas areias ferventes, marcas perdidas da serpente, os emaranhados de seus cabelos, que se anelam e ziguezagueiam conforme as lambidas e sopros de vento.

Corro em direção à onírica imagem, mas o vento a leva... deixando meu coração mudo, e a secura das lágrimas mortas em meus olhos – a imagem da fêmea estampada em minha mente faz com que a tortura seja ainda maior...

Ao longe vejo emergir das ondas secas a cáfila sedenta.

Homens em vestes negras, negras lembranças, negras águas secas que adensam minhas memórias perdidas, ou quem sabe afogadas naquelas areias ferventes do deserto de meu ser. Ouço um silvo, vejo o lagarto percorrer o perímetro onde me encontro, suas pequeninas patas mal tocam a superfície poética de sol.

Mas, afinal de contas, por que me encontro nessa vastidão de nada, do nada, procurando seios mimosos de uma fada, que é capaz de existir apenas em mil e uma noites de desejos, como boa comida, boa música e fábulas tecidas em ouro? Afinal de contas, o que faço aqui, o que realmente procuro? Será o bálsamo Sherazade? Será o fio amolado de Shariar? Ou, quem sabe, é minha garganta que espera a linha mortal do escorrer de sangue e a cegueira revelada pela lâmina?

Vejo se erguerem da superfície pequenos anelos de ser, que modelam o busto da mulher perdida, essa que me estende a delicada mão e suavemente, ao vento morno, sussurra meu nome... vejo meu corpo ser erguido e... esquecido.





Ana Luiza Almeida Ferro (1966) é sócia correspondente da Academia de Letras da Grande São Paulo. Promotora de Justiça, professora, escritora, historiógrafa, poeta e conferencista internacional. Doutora e Mestra em Ciências Penais (UFMG). Pós-Doutora em Derechos Humanos (Universidad de Salamanca, Espanha). Graduada em Letras e Direito. Membro de Honra da Sociedade Brasileira de Psicologia Jurídica, membro da European Society of International Law, do PEN Clube do Brasil, da Academia Brasileira de Direito, da Academia Maranhense de Letras e de várias outras instituições culturais. Detentora de certificados de proficiência em língua inglesa pela University of Cambridge, Inglaterra, e de diplomas pela Université de Nancy II, França, como o Diplôme supérieur d'études françaises. Autora de numerosos artigos e livros, sobretudo de Direito Penal, História e poesias, dentre os quais O Tribunal de Nuremberg, Quando: poesias, Crime organizado e organizações criminosas mundiais, O naufrago e a linha do horizonte: poesias e 1612 (edições brasileira e europeia). Recebeu o Prêmio “Poesia, Prosa e Arti figurative” (Itália, 2014 e 2019), a Menção Honrosa do prestigioso Prêmio Pedro Calmon 2014 (IHGB), o tradicional Prêmio Literário Nacional PEN Clube do Brasil 2015 e o Prêmio Vianna Moog (UBE-RJ, 2017). E-mail: alaferro@uol.com.br.

NESSE MISTERIOSO RECANTO DE MIM

ANA LUIZA ALMEIDA FERRO

Neste recanto de mim
sem princípio nem fim
das línguas me cubro
no palco me encubro
no quarto me descubro.

Neste recanto de mim
de não e de sim
me viro no avesso
chego ao recomeço
um existir sem gesso.

Nesse recanto de mim
onde não mora o serafim
com os braços me ato
com os pés me desato
me faço e refaço de fato.

Nesse recanto de mim
sem seda nem carmim
no ontem morre o canto
no hoje devora o desencanto
no amanhã reluz o encanto
nesse misterioso
pulsante
recanto de mim.

A FOLHA OU O VENDAVAL

A folha brinca ao sabor da aragem
A folha tremula sob o jugo do vento
A folha volteia nas asas do vendaval.

O vendaval não pede passagem
O vendaval não conhece assento
O vendaval não se estende no varal.

Qual o mistério da folha a escapar do galho?
Qual o mistério do vendaval a carregar a folha?
É o homem a folha ou o vendaval?

MISTÉRIO

Eu acordo
e o Sol está a pino
Eu deito
e o sono é uma quimera
Eu ando
e não chego ao destino
Eu corro
e o tempo não espera.

Eu escrevo
e a obra se desfaz
Eu anoto
e o registro se apaga
Eu atiro
e não conheço a paz
Eu preencho
e a vida está vaga.

Eu falo
e as palavras não saem
Eu canto
e a melodia se finda
Eu escuto
e os ouvidos me traem
Eu não decifro
o mistério de minha vinda.

ANA LUIZA ALMEIDA FERRO
Sócio Correspondente



O
MISTÉRIO
DE CADA
UM

QUARTA ANTOLOGIA LITERÁRIA



IN MEMORIAM



Rinaldo Gissoni, em 11 de agosto de 1981 fundou a Academia de Letras da Grande São Paulo - ALGRASP um orgulho para a cultura brasileira, foi presidente desta Instituição por 26 anos. Ocupou a Cadeira 01 cujo patrono é Gustavo Teixeira. Nasceu, em São Paulo, Capital, em 16 de abril de 1916, filho do médico-veterinário e arquiteto Mário Gissoni e de Filomena Gissoni. Foi casado com Antonieta Puttini Gissoni. Faleceu em seis de novembro de 2010, em Santo André, São Paulo, aos 94 anos de idade. Formado em Medicina-veterinária, Farmácia e Advocacia. Ainda estudante em Pouso Alegre, Minas Gerais, onde morou, apaixonou-se pelas letras e, paixão esta que o levou a fundar os periódicos *O Futurista* – de caráter eminentemente literário e o *Veterinário* – de caráter científico. Foi fundador do Centro Literário Joaquim Queiroz Filho. Foi, antes de tudo, um idealista e um sonhador. Primava pela qualidade e elevação do pensamento literário, priorizando o engrandecimento dos princípios morais, cívicos e culturais, ético e estético mostrado em suas obras, nas quais valorizou sobretudo a escrita correta do nosso vernáculo. Seus livros atestam seu cuidado e respeito pelo leitor. Sua obra não precisa de classificação, cabe-lhe sim, a importância que seu trabalho acrescentou a caminhos da poesia moderna. Sua extensa obra literária está registrada em *Brumas*; *Pedestal Inacabado*; *Dimensões Humanas*; *Os Mistérios da Montanha*; *O Enigma de Rosângela*; *Irisações Finais*; *Braços Abertos*; *O Elemento RAM*; *Além das Trevas*, seu último livro publicado em vida e lançado *in memoriam* devido ao seu passamento. Esta Academia foi o coroamento da luta de toda a sua vida.

POR UM PERFUME

RINALDO GISSONI

Ouvi, atentamente, oh mãe, a narrativa de uma paixão profunda e quero, nesta altura, dizer que não fiquei, de forma alguma esquivado aos lances de ventura, ou quase desventura.

O ciúme, já foi dito, é o monstro Adamastor que se instala solene e mau na alma da gente, e sendo, com efeito, o mal arrasador, é o gel da ansiedade a escurecer a mente.

A minha história é breve, com dezoito anos fui levada ao altar, era grande a alegria, e nem tivera tempo de pensar em planos... Foi uma festa linda, o mundo me sorria.

Alguns meses depois ruiu o meu castelo,
tempo trazendo mágoa, e um surdo rancor.
Tudo perdido, não restando um frágil elo...
Assim, completamente morto, o meu amor!...

Além das lindas pérolas em tuas mãos,
és novamente amada, para sempre amada!
Tua filha, porém, após desilusões
procura ansiosamente a luz de nova estrada.

A vida é um jogo o jogo é um mistério
no que diz ao presente e também ao futuro.
Quem me dera gozar, ainda, do refrigério
da reconciliação, não houvesse o perjuro.

És feliz, oh mãe, entre abraços e carinho
e já podes trazer ao colo o teu colar...
Quanto a mim, sem ventura sou ave sem ninho
nas noites do sem fim, a chorar, a chorar...

Um perfume sutil, no peito da camisa,
foi a causa final do nosso rompimento;
eu quisera esquecer o mal que me escraviza
e transformar em doce alento o meu tormento.

Numa tarde de opala encontrei um amigo,
e ele disse:
— “Não quero ver-te entristecida,
mas alegre, feliz. Vem, meu amor, contigo!”
Desde então decidi por uma nova vida.

Não me condenes pela minha decisão,
pois o divórcio é remédio verdadeiro.
Buscarei reconforto noutro coração
Em que pressinto amor sincero, verdadeiro” ...

RINALDO GISSONI
In Memoriam





Gioconda do Carmo Labecca de Castro, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo ocupou a Cadeira 30 cujo patrono é Augusto dos Anjos. Natural de Campanha, Sul de Minas. Filha de Humberto Labecca e da Professora Iria de Rezende Labecca. Professora, Assistente Social, fez os cursos de Parapsicologia, Psicologia, Psicologia Dinâmica, Curso Superior de Parapsicologia. Curso Intensivo de Legislação Trabalhista Palácio Tiradentes RJ. Relações Humanas, RJ. Literatura na Academia Brasileira de Letras RJ. Retórica e Dicção no RJ. História no Ateneu Paulista. Literatura na Academia Paulista de Letras. Foi Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo por sete anos. Fez parte da Academia Brasileira de Trova – RJ na Cadeira de Teófilo Dias; Círculo de Cultura Luso-Brasileira e Luso-Espanhol – Portugal; Sociedade de Homens de Letras do Brasil – RJ entre outras. Tem várias obras publicadas. Faleceu em 14 de julho de 2020.

TROVAS

GIOCONDA LABECCA

A trova é minha parceira,
Não se separa de mim...
– Por isso eu, a vida inteira,
Componho Trovas, assim.

Não chores, para um momento.
Que tudo o tempo renova:
– Eleva teu pensamento
E põe tua dor na Trova.

Se você quer liberdade,
Viver sua vida em paz,
Use sempre da verdade
Naquilo que você faz.

Tudo tem preço na vida!
Nada de graça se apanha!
Somente a dor e a desgraça
Vêm de graça, a gente ganha.

Quanta verdade contém
Esta lição que aprendi:
– Quando a gente ama alguém,
Não é mais dono de si.

Lá faz um frio constante,
Um lugar sem claridade,
Uma garoa constante,
É onde mora a Saudade.

Com muita dignidade,
Mantendo a cabeça erguida,
Nunca escondendo a Verdade,
Assim passei a minha vida.

A calúnia nunca traz
Felicidade a ninguém...
– Tira o sossego e a paz
E tira o sono também.

Você que vive sem rumo,
Em busca de Paz e Luz,
Esta verdade eu afirmo:
– Ninguém tem Paz sem JESUS!

Esta minha nostalgia
Vai de janeiro a dezembro...
– Vivo triste e não me lembro
Se fui alegre algum dia.

Quando um amigo me trai
Sem pena, sem compaixão,
É como um punhal que vai
Cravando no Coração.

Se Deus ouvisse esta prece,
Com fervor eu pediria
Que em minha vida pusesse
Um pouco mais de alegria.

Vou perder a vaidade,
Acabar com meu orgulho,
Tudo isso é um grande esbulho
Que rouba a tranquilidade.

Cheia de ideias brilhantes
Pensei fazer várias trovas,
Mas minhas ideias novas
Outros já tiveram antes.

Lá vem o rio descendo
E vai direto pra o mar...
– Como o rio, vou correndo
Para contigo ficar.

O destino não se esquece
De ser cruel e ruim...
– Nunca pensei que pudesse
Afastar você de mim.

Eu não vou fazer alarde
De tudo que fiz e disse,
Repetir isso é tolice
Pra me promover tão tarde.

Pega a tua estrada andando
Sem pressa, devagarinho...
Segue tua trilha cantando,
Quem canta encurta caminho.

Sou a tecelã do sonho
Que não para de sonhar...
É no sonho que me ponho
No meu devido lugar.

Se a tristeza te persegue,
Não lhe dê nenhum lugar...
Pega a tua estrada e segue,
Que ela não vai te alcançar.

GIOCONDA LABECCA
(in memoriam)





Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Chaves
Ana Stoppa
Ana Cristina Silva Abreu
José Bueno Lima
Clóvis Roberto dos Santos
Humberto Domingos Pastore
Sérgio Ballaminut
Gonçalo Junior
José Roberto Espíndola Xavier
Alcidéa Miguel
Eva Bueno Marques
Roberto Carvalho
Celso de Almeida Cini
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Flávio Mello
Ana Luiza Almeida Ferro

In Memoriam
Gioconda Labecca
Rinaldo Gissoni

ISBN: 978-65-88128-02-2



A edição anual da antologia traz um compêndio de textos, relatos e contos repletos de questionamentos, inseguranças, medos e alegrias, oferecendo uma análise que sugerirá reflexão diante da realidade.

O MISTÉRIO DE CADA UM

